



SIDEREUM ANA III  
El río Guadiana y Tartessos

Javier Jiménez Ávila (ed.)



Serie Compacta 1

SERIE COMPACTA  
(*Compendia et Acta*)

1

SIDEREUM ANA III  
El río Guadiana y Tartessos

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA  
(ed.)

SIDEREUM ANA III: el río Guadiana y Tartessos : [actas de la reunión científica] / Javier Jiménez Ávila, ed. – Mérida: Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica, 2017. – 630 p. : il. ; 30 cm  
(Serie compacta. Compendia et Acta ; 1)

ISBN 978-84-697-4788-9

1.Excavaciones (Arqueología)–España-Guadiana, Cuenca del-Congresos. 2. Guadiana, Cuenca del (España)-Historia-Hasta 0218 A. J.C. (Período prerromano)-Congresos . 3. Guadiana, Cuenca del (España)-Antigüedades-Congresos. 4.Tartessos (Reino)-Congresos. I. Jiménez, Ávila, F. Javier, ed. lit. II. Subtit. : El río Guadiana y Tartessos. III. Consorcio de la Ciudad Monumental, Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida, ed. IV. Col.  
902(460-15)"637"(063)  
904(460-15)"637"(063)

Este libro contiene las actas de la reunión científica “Sidereum Ana III, El río Guadiana y Tartessos”, celebrada en Mérida en septiembre de 2012 y realizada en el marco del proyecto *Prehistoria del Territorio de Mérida a través de la Colección Comarcal* (PRI09A154) financiado por la Junta de Extremadura dentro del III Plan Regional de Investigación, Desarrollo e Innovación.

Portada: Fragmento de plato de cerámica griega (s. VI a.C.) procedente de El Cuco, Guadajira (Badajoz). Foto V. Novillo.

© Consorcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida.

© de los textos: los autores.

Diseño y maquetación: Juan Carlos Conde.

Impresión: Imprenta Rayego, S.L.

ISBN: 978-84-697-4788-9

Depósito Legal: BA-000321-2017

Impreso en España. Printed in Spain.

## SUMARIO

---

<b>Presentación. Sidereum Ana: diez años de encuentros transfronterizos y arqueológicos</b> Javier Jiménez Ávila.....	9
<b>La Anficiónía Tartesia orientalizante</b> Martín Almagro-Gorbea – Alfredo Mederos Martín – Mariano Torres Ortiz.....	15
<b>El Alto Guadiana entre los siglos VIII y VI a.C.</b> <b>Novedades estratigráficas en el área 4 de <i>Sisapo</i> – La Bienvenida (Almodóvar del Campo, Ciudad Real)</b> Mar Zarzalejos Prieto – Germán Esteban Borrajo – Patricia Hevia Gómez .....	39
<b>Ancha es Tartessos.</b> <b>El Periodo Orientalizante (siglos VIII-VI a.C.) en el tramo extremeño del Guadiana</b> Javier Jiménez Ávila.....	69
<b>La ocupación orientalizante de la Escuela de Hostelería de Mérida</b> Javier Jiménez Ávila – Francisco Javier Heras Mora.....	107
<b>Povoamento “orientalizante” na margem esquerda do Guadiana</b> <b>Uma leitura a partir do Passo Alto e do Castelo de Serpa</b> Ana Sofia Antunes – António M. Monge Soares – Manuela de Deus – Rui M. Soares.....	131
<b>Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3:</b> <b>Contextos de Planície da I Idade do Ferro do Alentejo Interior</b> Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Susana Estrela – Javier Larrazabal António M. Monge Soares – Rosa M. Salvador Mateos .....	159
<b>A necrópole da Vinha das Calças (Beja, Portugal)</b> Ana Margarida Arruda – Rui Barbosa – Francisco Gomes – Elisa de Sousa .....	187
<b>A necrópole de Palhais (Beringel, Beja)</b> Filipe J.C. Santos – Ana Sofia Antunes – Manuela de Deus – Carolina Grilo.....	227
<b>A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (São Brissos, Beja)</b> Rui M. Soares – Lúcia Baptista – Rui Pinheiro – Lurdes Oliveira – Zélia Rodrigues – Nelson Vale.....	263
<b>Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estácio 6</b> Tiago do Pereiro – Rui Mataloto – Nelson Borges .....	303
<b>A paisagem funerária a Oeste de Beja no Período Orientalizante:</b> <b>as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)</b> Rosa M. Salvador Mateos – José António Pereira.....	333

<b>Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja</b> Margarida Figueiredo – Rui Mataloto .....	353
<b>La Sepultura 38 de Quinta do Castelo 5 (Salvada, Beja). Nota preliminar</b> Ever Calvo Rodriguez – Patricia Simão .....	399
<b>A necrópole de Pisões (Beja)</b> Patrícia Bargão – Dulce Fernandes .....	407
<b>O Cabeço Redondo (Moura). Um edifício monumental e singular na margem esquerda do Guadiana</b> Rui Monge Soares – António M. Monge Soares .....	421
<b>Castro Marim entre indígenas, Fenícios e Tartéssicos</b> Ana Margarida Arruda – Carlos Filipe de Oliveira – Vera Teixeira de Freitas .....	443
<b>Primer avance sobre el asentamiento fenicio de Ayamonte (Huelva)</b> Juan Aurelio Pérez Macías – Benjamín Cabaco Encinas – Elisabet García Teyssandier .....	467
<b>El descubrimiento de la necrópolis fenicia de Ayamonte, Huelva (siglos VIII–VII a.C.)</b> Elisabet García Teyssandier – Dirce Marzoli – Benjamín Cabaco Encinas Bärbel Heußner – Ingrid Gamer-Wallert .....	493
<b>La orientalización de Huelva (siglos VIII–VI a.C.)</b> Francisco Gómez Toscano .....	531
<b>Una vivienda rural orientalizante en la <i>chora</i> de la Huelva “tartésica”: el fondo de cabaña 577 de La Orden-Seminario</b> Cristina López Cabot – Juan Carlos Vera-Rodríguez .....	557
<b>Nuevos datos sobre la Huelva tartésica. La excavación arqueológica de la calle Concepción 3</b> Marcos García Fernández .....	579
<b>Tradição indígena e orientalizante na metalurgia do bronze da bacia do Guadiana entre os séculos VIII e VI a.C.</b> Pedro Valério – António M. Monge Soares – Maria Fátima Araújo – Rui J.C. Silva.....	605
<b>Conclusiones – Conclusões</b> Paolo Bernardini – Rui Mataloto – Juan Pereira Sieso – Sabah Walid Sbeinati.....	617
<b>Relación de autores.....</b>	625



# A NECRÓPOLE DA VINHA DAS CALIÇAS (BEJA, PORTUGAL)

---

Ana MARGARIDA ARRUDA

*(UNiarQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)*

Rui BARBOSA

*(Arqueohoje)*

Francisco GOMES

*(UNiarQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; FCT)*

Elisa de SOUSA

*(UNiarQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)*

---

## RESUMO

No sítio da Vinha das Calijas 4 (Beja) identificou-se uma necrópole de inumação da qual se escavaram 47 sepulturas, algumas das quais implantadas no interior de recintos de planta rectangular delimitados por fossos. Estas sepulturas têm formato rectangular, tendo os corpos sido depositados predominantemente em decúbito lateral. Mulheres e homens partilham o espaço funerário, sem que se note qualquer diferenciação na ocupação espacial; documentaram-se também deposições infantis dispersas entre as sepulturas dos adultos. Algumas sepulturas foram violadas, muito provavelmente durante a época romana. Ainda assim, algumas conservaram um espólio abundante e diversificado, incluindo cerâmicas, elementos de indumentária e adorno, de mobiliário e armamento, entre outros. Ainda que a necrópole em estudo conte com paralelos, ao nível da arquitectura e dos materiais recuperados, na região circundante, é forçoso referir também algumas semelhanças com outros contextos funerários sidéricos do Sul do actual território português. Todos os dados apontam para uma cronologia que deverá centrar-se na segunda metade do século VI a.n.e, podendo defender-se que a utilização da necrópole correspondeu apenas a duas ou três gerações.

---

## ABSTRACT

Vinha das Calijas 4 (Beja) is an inhumation necropolis of which 47 graves have been excavated, some of which were implanted inside rectangular enclosures circumscribed by ditches. The graves are rectangular in shape, and the bodies were deposited inside predominantly in lateral decubitus. Men and women shared the funerary space, without any noticeable spatial differentiation; infant graves were also documented among the adult ones. Some graves were disturbed, probably during the Roman period. Even so, the associated materials are abundant and diversified both in the looted graves and in several that seem to have remained intact; it includes pottery, clothing items, adornments, furniture and weapons, among others. Although this necropolis counts with parallels, both in architecture and material culture, in the surrounding region, it is forceful to mention also some similarities with other funerary contexts of the southern Portuguese territory. All the data point to a chronology for the utilization of this necropolis centered in the second half of the 6<sup>th</sup> century BCE, suggesting that the use of this funerary area was restricted to two or three generations.

**SIDEREUM ANA III**

**El río Guadiana y Tartessos**

JAVIER JIMÉNEZ ÁVILA (ed.)

*Publicaciones del Consorcio de la Ciudad Monumental de Mérida*

*Serie Compacta (Compendia et Acta) n.º 1. Mérida 2016*

*pp. 187-225*



## INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico da Vinha das Caliças 4 (Fig. 1) foi identificado no âmbito dos trabalhos de minimização de impactos sobre o património cultural decorrente da implementação do troço de ligação Pisão-Roxo promovidos pela EDIA. A afectação prevista para a área onde se implantava o sítio ditou a realização de uma escavação em extensão que permitiu identificar a necrópole da Idade do Ferro que agora se apresenta.



Fig. 1.— Localização da Vinha das Caliças no mapa de Portugal.

Topograficamente o sítio implanta-se numa encosta suave exposta a Poente, com uma altitude média de 170 metros, apresentando boa visibilidade relativamente à paisagem circundante, nomeadamente na direcção das linhas de água da Ribeira do Pisão e do Ribeiro do Barranco do Poço da Canada, tributárias do rio Sado. Administrativamente integra-se na freguesia de Trigaches, concelho e distrito de Beja, apresentando as seguintes coordenadas: M = 213400, P = 124200 a M = 213500, P = 124200.

A Vinha das Caliças 4 localiza-se numa zona geológica abrangida por formações do miopliocénico marinho, constituídas por argilas, calcários mais ou menos magrosos, arenitos, cascalheiras e areias que correspondem ao designado “caliço”, um calcário esbranquiçado, por vezes com tonalidades acinzentadas e esverdeadas, pulverulento ou concrecionado em posição horizontal. Esta formação geológica encontra-se circunscrita à área entre Mombeja e Trigaches, inserindo-se no Complexo de Odivelas – Gabros de Beja.

### 1. A NECRÓPOLE DA VINHA DAS CALIÇAS: ARQUITECTURA E RITUAIS

O conjunto funerário da Idade do Ferro da Vinha das Caliças 4 corresponde a uma necrópole de inumação com enterramentos em fossas rectangulares, abertas no calcário de base, ou, mais raramente, em terras já depositadas (Fig. 2). Ao todo identificaram-se 47 sepulturas, tendo podido exumar-se os restos osteológicos de 44 indivíduos, 39 dos quais de idade adulta e 5 sub-adultos.

Dos 39 adultos exumados foi diagnosticado o sexo feminino a 12, o masculino a outros 12, não tendo sido possível a determinação deste indicador nos restantes 15 casos, ainda que a análise dos materiais tenha permitido uma caracterização diferenciada por género aplicável a algumas destas deposições indeterminadas. Importa também desde já referir que não se verifica qualquer separação espacial por sexo, nem tão-pouco por idade, estando



Fig. 2.— Planta e fotografia aérea da necrópole da Vinha das Calças.



Fig. 3. — Fotografia da sepultura dupla (37).

os indivíduos sub-adultos sepultados indiferenciadamente entre os adultos.

Quanto à morfologia, as sepulturas apresentam forma tendencialmente rectangular, tendo algumas delas secção escalonada (caso das sepulturas 7, 16, 18, 20, entre outras) e aproximando-se, portanto, do tipo dito com “canal central”. Em algumas delas, o escalonamento não é simétrico verificando-se o “degrau” apenas num dos lados. Os referidos degraus, que em outras situações, como é o caso de Alcácer do Sal,<sup>1</sup> têm sido interpretados no quadro da prática da incineração, podem assim traduzir nas sepulturas de que nos ocupamos uma outra funcionalidade, concretamente a sua utilização como plataforma de apoio das coberturas das sepulturas.

Do ponto de vista dos resultados antropológicos, deve assinalar-se que a maioria das sepulturas albergava restos ósseos de um único indivíduo,

<sup>1</sup> Correia 1928.



Fig. 4. — Fotografia da sepultura coberta com lajes de xisto (27).

tendo-se contudo verificado a presença de inumações duplas nas 6 e 34. Na primeira, os restos de um recém-nascido preservavam-se entre os ossos das mãos de um indivíduo do sexo feminino. A segunda reveste-se de particular importância, atendendo ao facto de nela se terem depositado dois indivíduos adultos, um do sexo masculino e outro do feminino, que foram sepultados de forma a estarem frente a frente (Fig. 3). O estudo do espólio por sepultura permite perspectivar ainda a existência de uma outra deposição dupla na sepultura 55, desprovida contudo de evidências osteológicas relevantes.

Outro caso merecedor de nota é o da sepultura 54 onde se identificou um feto com cerca de 26 semanas de gestação, cujas peças ósseas se preservavam na região da cavidade abdominal do indivíduo feminino ali sepultado.

A orientação das deposições é predominantemente Noroeste (crânio) – Sudeste (pés) havendo contudo diversas excepções: é o caso dos enterramentos 9, 17, 18, 20, 44, 47 e 38, com orientação Sudoeste (crânio) – Nordeste (pés), e dos enterramentos 23 e 28, que apresentavam a orientação Sudeste (crânio) – Noroeste (pés).

A deposição do corpo em decúbito lateral direito foi a mais frequente, verificando-se também, contudo, em onze casos, a deposição em decúbito lateral esquerdo (sepulturas 9, 12, 15, 16, 19, 20, 27, 29, 33, 35, 39) e, em apenas duas situações (sepulturas 37 e 40), em decúbito ventral. Para o indivíduo exumado na sepultura 1 foi assinalada a posição em decúbito dorsal, a qual se pode dever contudo à deslocação *post mortem* do corpo. Resta assinalar que em dez sepulturas não foi possível aferir, com acuidade, a posição do inumado. Note-se também que os membros superiores e inferiores se apresentavam quase sempre flectidos, com as mãos junto à face.

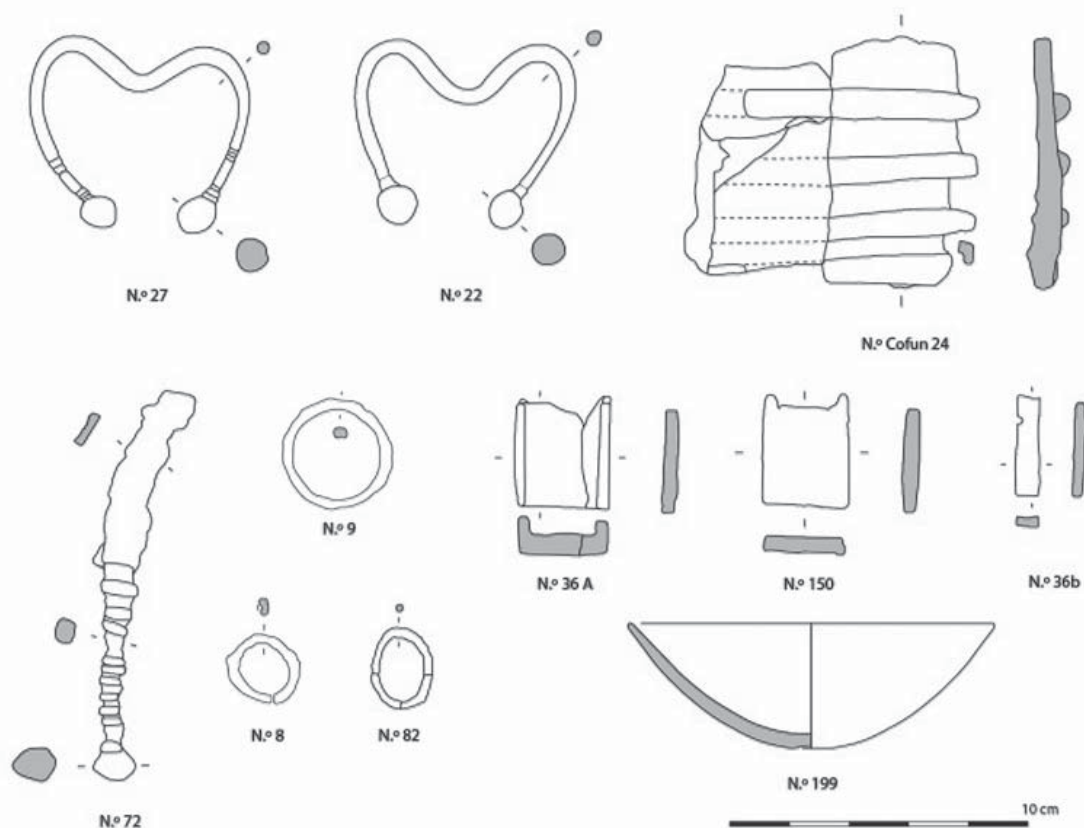


Fig. 5.—Espólio da sepultura 48.

Voltando ao aspecto construtivo, as sepulturas estariam cobertas por tampas formadas por lajes de xisto de que puderam identificar-se ainda restos em algumas (Fig. 4). É o caso, por exemplo, das sepulturas 12 e 27, ambas sem indicação de sexo, sendo de assinalar que, no caso da última, as placas que a cobriam se encontravam decoradas com figurações incisadas de cavalos.

Infelizmente, em ambos casos, as sepulturas foram quase totalmente espoliadas, não se tornando pois possível averiguar a possível relação destas coberturas pétreas com outros elementos de excepção. A sepultura 12 continha apenas alguns adornos e artefactos de ferro indeterminados, bem como uma agulha de prata. A sepultura 27, que não possuía qualquer espólio, é contudo um dos raros exemplos em que o espaço sepulcral foi delimitado com recurso a uma estrutura negativa.

Com efeito, uma das particularidades distintivas da necrópole da Vinha das Calças 4 é a existência de estruturas negativas que parecem delimitar e destacar alguns dos depósitos funerários. Estas estruturas parecem configurar recintos de planta rectangular ou sub-rectangular que se concentram sobretudo numa área concreta da necrópole. As características construtivas dos fossos identificados

nessa área parecem sugerir uma sequência construtiva, com um recinto central (Recinto 1) e outros dois anexos, um a Norte (Recinto 2) e outro a Sul (Recinto 3) daquele. Nestes últimos, porém, o fosso não limita a totalidade do espaço, que se manteve aberto, a Norte no primeiro e a Sul no segundo. O tramo norte do fosso que delimita (parcialmente) o Recinto 3 prolonga-se, por outro lado, para Sudeste, configurando ainda uma quarta área delimitada, que designaremos como Recinto 4. Os dados de campo permitem assim afirmar uma clara intenção de delimitar determinadas sepulturas, que assim se diferenciam das restantes.

O Recinto 1 encerra duas sepulturas (45 e 46), para as quais infelizmente não pôde determinar-se o sexo do inumado, ainda que a primeira, a avaliar pelo espólio, possa ter contido um individuo masculino. Os dois recintos anexos contêm uma sepultura cada – o 2 a sepultura 48 – feminina – (Figs. 5 e 6) e o 3 a 38 (masculina). O eventual Recinto 4 desenvolve-se em torno da sepultura 57, também masculina.

Os fossos que delimitam os recintos 1 a 4 apresentam perfil rectangular e possuem 0,80 m de largura e escassa profundidade (cerca de 30 cm) e nelles também se construíram sepulturas. Tudo indica



Fig. 6.— Espólio da sepultura 48. 1. Anelos; 2. Escaravinhos; 3. Contas de ouro; 4. Pendentes de prata em forma de bolota; 5. Pendente de prata em forma de lágrima; 6. Pendente de cornalina.

que os fossos estavam ainda desobstruídos quando as sepulturas foram abertas no seu fundo, até porque os sedimentos que as encheram são em tudo idênticos aos que preencheram os fossos.

Os dados obtidos em escavação não permitem, contudo, elucidar, de forma taxativa, as relações cronológicas entre as sepulturas no interior dos recintos, os fossos que os delimitam e as sepulturas neles escavados. O certo é que a sua disposição, a abertura na rocha de base e a própria realidade estratigráfica observada parece indiciar um certo grau de sincronia, ou pelo menos um intervalo de tempo relativamente curto, entre a abertura do fosso que delimita o Recinto 2 e as inumações corresponden-

tes às sepulturas 23 e 47 (Fig. 7) implantadas dentro daquele, e bem assim entre o Recinto 1 e a sepultura 44 ou o Recinto 3 e a sepultura 41. Mais complexa é a situação da sepultura 50, localizada no canto sul do fosso que limita o Recinto 2, uma vez que não está completamente ajustada ao traçado deste.

Tendo em conta estas realidades, tudo indica que os fossos se destinavam a delimitar/proteger/destacar sepulturas determinadas e específicas, mas foram também utilizados como sepulcro, correspondendo o conjunto a uma estrutura complexa que se destacava na necrópole.

Para além do conjunto construtivo que vimos analisando, também a sepultura 27 foi, como já re-

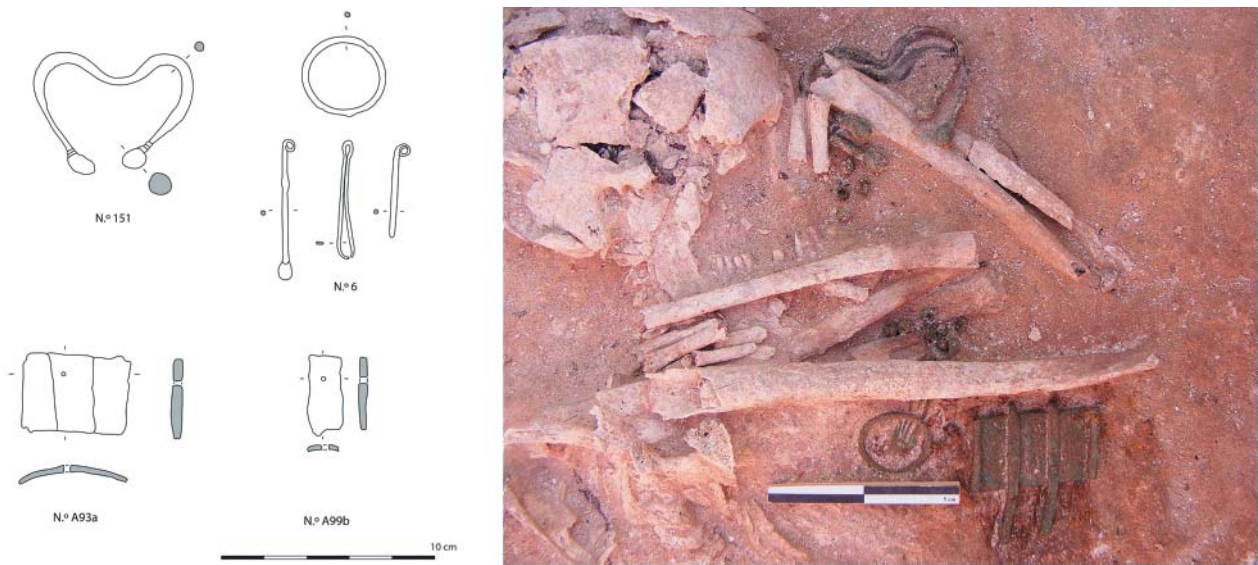


Fig. 7.— Espólio e pormenor da sepultura 47.

ferimos, parcialmente circundada, na sua vertente sul, por uma destas estruturas negativas. Reiteramos, de resto, o facto de esta sepultura constituir um dos raros casos nos quais se puderam identificar restos da cobertura, construída com lajes de xisto.

Mais complexo de analisar é o chamado “valado” (Fig. 2), cuja formação antrópica é, aliás, discutível. De facto, a irregularidade do traçado e da própria secção deixam dúvidas sobre a intencionalidade da abertura de uma “vala” com as características que se documentaram para esta estrutura. Por outro lado, a inexistência de espólio no sedimento que o colmatava e a própria realidade estratigráfica que se documentou permitem saber que as sepulturas que sobre ele se implantaram foram construídas cortando pacotes sedimentares pré-existentes. Com efeito, as sepulturas 7 (Figs. 8 e 9) e 11 (Fig. 10) foram escavadas na terra que já tinha preenchido o espaço interior deste valado. Refira-se, contudo, que para a última se efectuou ainda um corte na rocha, de forma a construir um pequeno nicho.

Igualmente problemática na sua interpretação é a estrutura negativa que foi designada como “fundo de cabana” (Fig. 2), uma depressão elíptica com um diâmetro de cerca de 5,50 m e uma profundidade máxima de 42 cm. A sua relação com o espaço funerário não é clara, não havendo dados para lhe atribuir uma cronologia ou uma funcionalidade. De facto, a referida estrutura é já periférica relativamente à área ocupada pelas sepulturas e a sua escavação não revelou qualquer espólio, o que dificulta a atribuição de uma cronologia.

O facto de possuir dois buracos de poste, um central e outro no limite que o define, indica que esta estrutura seria coberta. Pode considerar-se a possibilidade de o “fundo de cabana” corresponder a um espaço destinado a actividades que estivessem relacionadas com práticas rituais durante o funeral ou com o próprio tratamento do cadáver que teria ocorrido neste lugar suficientemente próximo das sepulturas, mas não nos seus limites imediatos.

Contudo, a existência de uma ocupação de época romana, consubstanciada em materiais encontrados na camada superficial, bem como no interior de algumas fossas escavadas na rocha, permite considerar também a possibilidade de o chamado “fundo de cabana” pertencer a uma cronologia posterior à do conjunto funerário.

## 2. OS MATERIAIS E AS SUAS ASSOCIAÇÕES

Um número significativo de sepulturas da necrópole da Vinha das Calças foi alvo de violação ainda durante a Antiguidade, podendo assacar-se, pelo menos em parte, essa responsabilidade à ocupação romana que foi detectada no sítio propriamente dito e em outros próximos. A escavação das sepulturas e a análise dos dados permitem verificar que essas violações foram direccionadas para áreas concretas, muito especialmente para a região das cervicais e para os membros superiores. De facto, os membros inferiores das sepulturas violadas permaneceram, maioritariamente, na sua

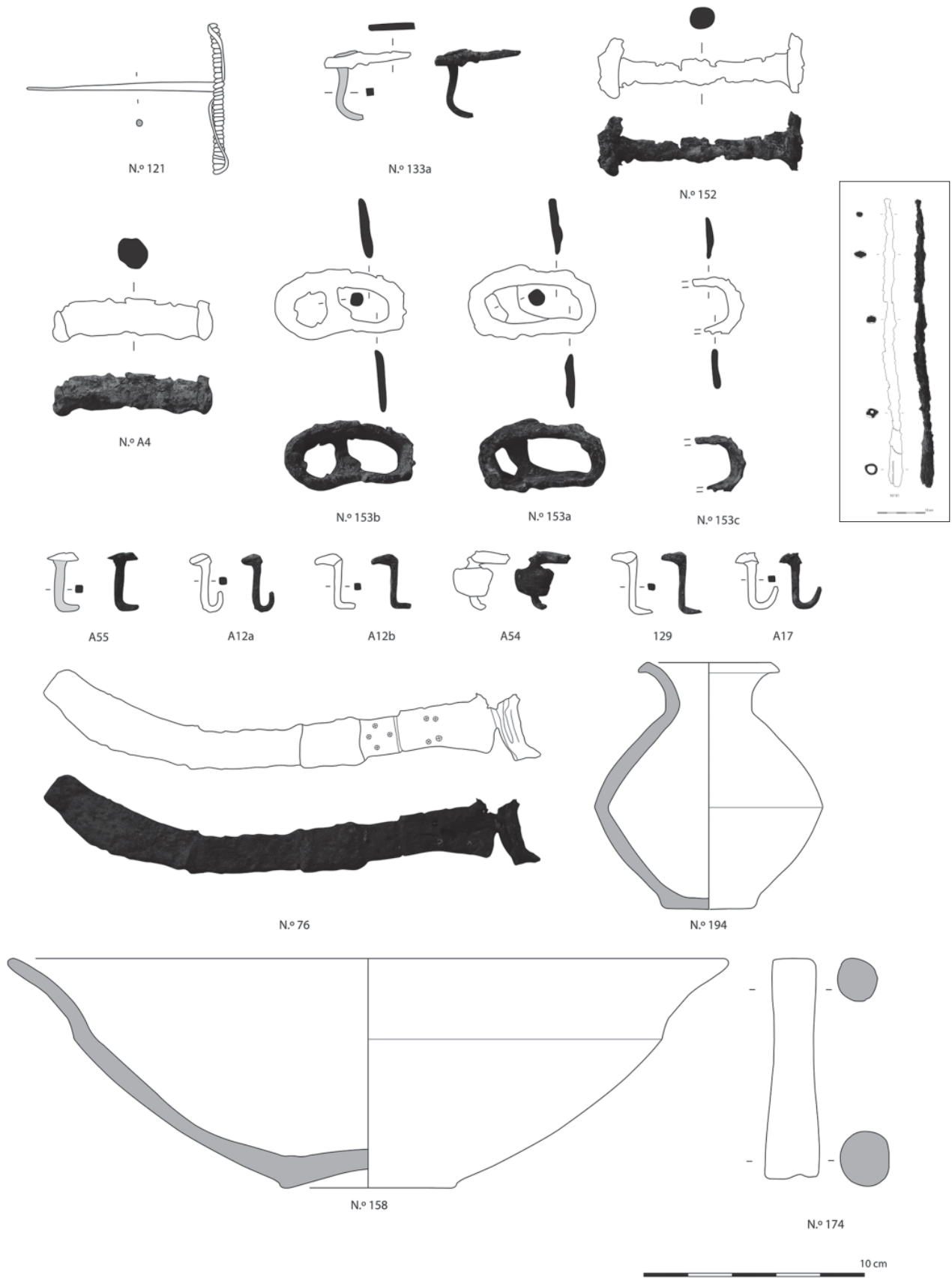


Fig. 8.— Espólio da sepultura 7.



Fig. 9.— Contas de ouro da sepultura 7.

posição original, tendo os restantes sido deslocados e mesmo partidos. Assim, tudo indica que o objectivo dos violadores tenha sido a recolha de adornos de metais preciosos, tendo deixado para trás os artefactos de bronze (fíbulas, fechos de cinturão, braceletes), de ferro (armas) e os recipientes cerâmicos.

Ainda assim, foi possível escavar várias sepulturas intactas (16), sendo portanto permitido discutir os espólios de acordo com a distribuição topográfica das sepulturas no conjunto da necrópole, com o sexo dos inumados, bem como tendo em consideração as várias associações existentes entre eles. Por outro lado, pode perceber-se que há efectivamente sepulturas que se destacam quantitativa e qualitativamente em termos de espólio, havendo outras mais modestas. A análise que se segue foi pois construída tendo em consideração não só os artefactos em si, no que se refere à funcionalidade, tipologia, matéria-prima e cronologia, mas também o seu contexto geral e específico.

Assim, e mesmo não perdendo de vista que a espoliação foi concretizada num número substancial de sepulturas, parece evidente que as mais ricas, e por conseguinte as que conteriam os restos de indivíduos mais destacados socialmente, se encontram localizadas nos recintos, quer nos fossos que os limitam quer no seu centro (sepulturas 47, 48, 50), e ainda no “valado” (sepulturas 7 e 11), panorama que sai reforçado pela existência de várias sepulturas fora das áreas assim delimitadas que, não tendo sido violadas, apresentam conjuntos artefactuais menos diversificados e menos ricos.

## 2.1. AS CERÂMICAS

O conjunto cerâmico exumado na necrópole da Vinha das Caliças (Figs. 5, 8 e 11) é relativamente reduzido, embora revele algumas particularidades dignas de nota que adiante teremos oportunidade de comentar. Apenas 11 sepulturas continham recipientes cerâmicos, sendo estes aparentemente mais

frequentes nas que encerram indivíduos do sexo masculino, não sendo delas contudo exclusivos.

De facto, duas sepulturas indiscutivelmente femininas ofereceram vasos cerâmicos, concretamente a 48 e a 56, havendo outras três cujos restos ósseos não permitiram identificar sexualmente o indivíduo. Regra geral, há um vaso por sepultura, sendo excepção os casos das sepulturas 7 e 8 que, de qualquer modo e por razões diversas, constituem casos especiais no contexto da necrópole. Relativamente à segunda, trata-se de uma das poucas sepulturas infantis identificadas.

Ocupar-nos-emos aqui, sobretudo, das peças exumadas em contextos primários no interior das sepulturas, fazendo menção apenas pontualmente a exemplares provenientes de outros contextos que, em todo o caso, são muito pontuais.

Assim, o conjunto que pelo seu contexto pode com segurança identificar-se como correspondendo a oferendas funerárias reduz-se a apenas dezasseis exemplares que podem por sua vez dividir-se em três grandes grupos, consoante as suas características de fabrico: cerâmica manual, cerâmica a torno oxidante e cerâmica cinzenta.

### 2.1.1. Cerâmica manual

A cerâmica produzida sem recurso ao torno de oleiro é maioritária nos espólios funerários da Vinha das Caliças, somando nove exemplares. O seu fabrico é *grosso modo* homogéneo, apresentando pastas castanhas avermelhadas a acinzentadas, pouco depuradas.

No que diz respeito às formas, o repertório é naturalmente bastante limitado, podendo dividir-se em cinco grupos morfológicos. O primeiro, representado por dois exemplares (163 e 199) (Figs. 5 e 11), corresponde a peças que podemos designar como *pratos* em calote de esfera, de bordo simples ou facetado e fundo não assinalado, ligeiramente côncavo, com as superfícies alisadas. Apresentam ambos 27 cm de diâmetro máximo e cerca de 7 cm de altura máxima.

Trata-se de uma forma elementar, recorrente nos repertórios formais do I milénio a.n.e., podendo para efeitos de arrumação tipológica aproximar-se do Tipo 3.2 definido para a cerâmica manual de Medellín,<sup>2</sup> para o qual não pôde também estabelecer-se qualquer precisão cronológica, estando pre-

<sup>2</sup> Almagro-Gorbea e Torres 2008: 743-744.

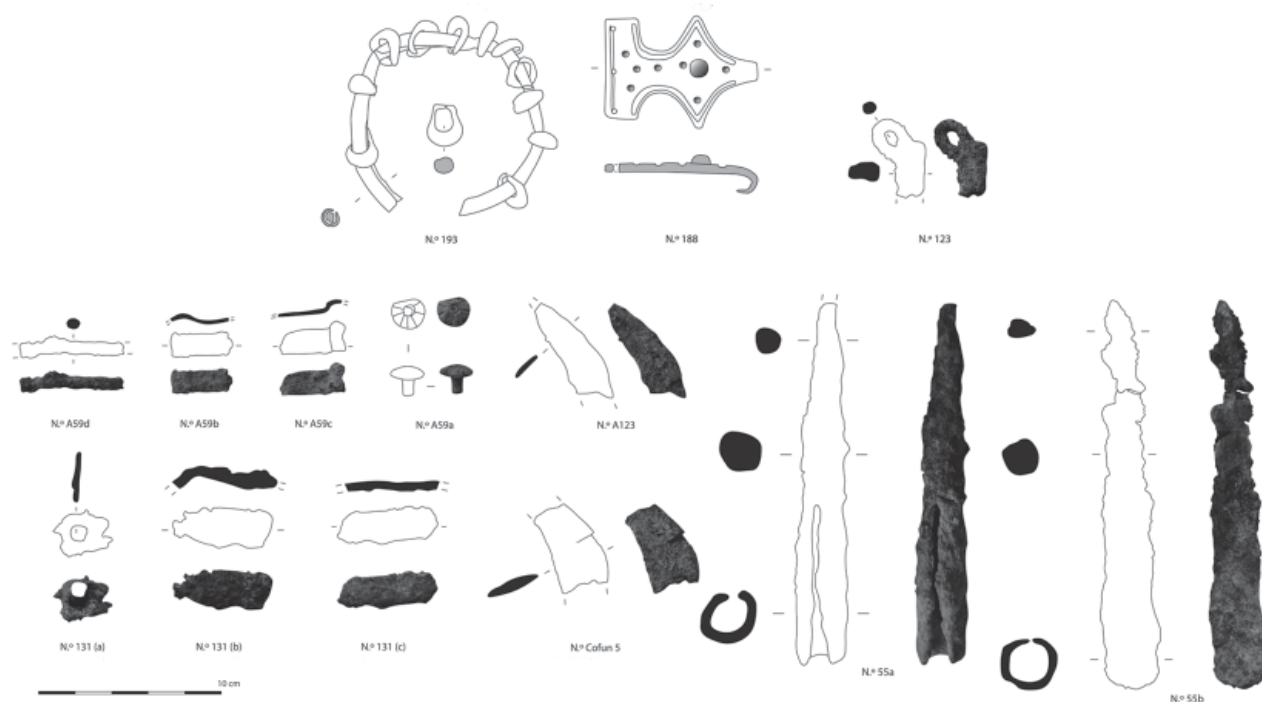


Fig. 10.— Espólio da sepultura II.

sente desde meados do século VII até, pelo menos, ao final do VI a.n.e.

O segundo grupo corresponde a *taças de pé alto*, de que se exumou um único exemplar depositado numa sepultura (155), a que pode juntar-se um outro, proveniente de um contexto aparentemente secundário (160) (Fig. 11). Estes dois vasos, embora bastante distintos entre si, partilham a característica de possuírem um pé alto muito desenvolvido, oco no caso da primeira e maciço no caso da segunda. A peça 160 conserva ainda a porção superior que evidencia, contudo, aquilo que parecem ser os arranques de (pelo menos) duas adjunções que não se conservaram, e que poderiam corresponder, a avaliar pelos paralelos que se têm exumado em necrópoles coetâneas no território envolvente, a decorações coroplásticas, muito provavelmente figurando ornitomorfos, infelizmente hoje perdidos.

As taças de pé alto, em geral com decoração coroplástica, são, com efeito, uma forma cerâmica que se vem tornando característica dos contextos – essencialmente funerários – identificados na zona de Beja (Beringel/Trigaches) podendo a este título referir-se os dois exemplares da necrópole de Palhais já publicados<sup>3</sup> e outros, ainda inéditos, das necrópoles de Cinco Réis 8 e da Carlota.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Santos *et al.* 2009: figs. 12 e 15.

<sup>4</sup> Salvador e Pereira neste volume.

Sugeriu-se para as peças já publicadas de Palhais uma inspiração tartéssica, baseada sobretudo no facto de não se encontrarem protótipos nos repertórios vasculares do final da Idade do Bronze;<sup>5</sup> tal interpretação parece, na nossa opinião, pouco sustentável, parecendo-nos defensável que esta forma, praticamente sem paralelos – pelo menos directos – fora da área de Beja, constitua efectivamente uma inovação local, facto reforçado pela presença em vários exemplares de decorações coroplásticas figurando ornitomorfos que entroncam claramente numa tradição artesanal característica das comunidades sidéricas baixo-alentejanas.<sup>6</sup>

A sua interpretação como queimadores/*thymia-theria*, igualmente sugerida para os exemplares de Palhais,<sup>7</sup> parece-nos a mais ajustada, saindo por outro lado reforçada pelo facto de a peça 160 da Vinha das Caliças apresentar no interior da taça evidências de combustão bastante expressivas.

Quanto ao terceiro grupo conta com uma única peça (198), que poderíamos designar como *púcaro* (Fig. 11). Trata-se de uma forma fechada, mais larga que funda, de morfologia globular achatada sem colo, com bordo simples extroverso e fundo plano indicado e ligeiramente côncavo. Apresenta, sensi-

<sup>5</sup> *Ibidem*: 774.

<sup>6</sup> Beirão e Gomes 1984; Deus e Correia 2005.

<sup>7</sup> Santos *et al.* 2009: 773.

velmente a meia altura do corpo, uma única pega mamilar horizontal elíptica. Na porção superior do corpo, apresenta decoração incisa de linhas zigzagueantes, paralelas entre si.

Trata-se de uma forma relativamente invulgar, que pode contudo aproximar-se, ainda que com reservas, do Tipo 2.3 da cerâmica manual de Medellín que na necrópole extremeña se distribui entre meados do século VII e meados do século VI a.n.e.<sup>8</sup> Também no século VI a.n.e. se enquadra uma peça de Talavera la Vieja muito semelhante à que nos ocupa.<sup>9</sup> Peças de morfologia similar documentam-se, contudo, em contextos consideravelmente mais tardios, como por exemplo em La Mata, em níveis já do século IV a.n.e.<sup>10</sup> A peça em estudo pode, por outro lado, paralelizar-se com uma peça exumada na necrópole de Palhais,<sup>11</sup> que constitui um ponto de comparação especialmente interessante por apresentar o mesmo tipo de decoração incisa. A da Vinha das Calças apresenta, contudo, uma tendência mais fechada e uma volumetria algo distinta das dos exemplares extremeños e de Palhais, pelo que a sua relação tipológica deve ser tomada sob reserva.

No que diz respeito à decoração, a incisão de linhas quebradas sobre o bojo de vasos de morfologia fechada surge com alguma frequência em contextos sidéricos, frequentemente associada a linhas incisadas no bordo,<sup>12</sup> que, no caso da Vinha das Calças, não se documentam. Além do já mencionado exemplar de Palhais podem enumerar-se igualmente exemplos de Abul A, enquadrados na fase final/abandono do sítio (meados do século VI a.n.e.),<sup>13</sup> e de Abul B, cuja ocupação recobre o final do século VI e o V a.n.e.<sup>14</sup> ou do Alto de S. Gens, em níveis datados do século VII a.n.e.<sup>15</sup>

O quarto grupo, representado igualmente por uma única peça (194), corresponde a um *pequeno pote* de corpo bitroncocónico, colo relativamente desenvolvido e bordo extroverso, de tendência triangular (Fig. 8). O fundo, plano, encontra-se apenas indicado. Este vaso pode aproximar-se, com reservas, do Tipo E2 definido para a cerâmica cinzenta de Medellín,<sup>16</sup> sobretudo por não contar com qualquer paralelo na cerâmica manual daquela necrópo-

le. Pode também apontar-se como paralelo, embora igualmente a torno, a forma VI.1.A da Azougada<sup>17</sup> e diversos exemplares do Olival do Senhor dos Mártires, ainda inéditos.

O quinto grupo integra três exemplares de vaso à *chardon* (Fig. 11). Estes recipientes, muito frequentes em contextos funerários da primeira metade do I milénio a.n.e., caracterizam-se por possuírem um corpo *grosso modo* globular separado por uma carena bem marcada do colo, muito desenvolvido, cujas paredes divergentes lhe conferem um característico aspecto acampanado.

Destas peças (15/1, 44/1A e 197), duas puderam identificar-se unicamente a partir de fragmentos de bojo. O terceiro exemplar (197), contudo, apresentava-se bem conservado, faltando-lhe apenas a porção terminal do colo e o bordo, podendo aproximar-se do Tipo 2 definido por M. Torres para os exemplares da necrópole de Medellín,<sup>18</sup> e que corresponde ao Tipo E.II.H da tipologia de D. Ruiz Mata,<sup>19</sup> a que este autor atribui uma cronologia entre o século VIII e VII a.n.e., considerando-a como correspondendo ao vaso à *chardon* clássico.

M. Torres<sup>20</sup> aponta ainda como paralelos para esta forma exemplares de La Joya, enquadráveis no século VII a.n.e. (sobretudo no último quartel da centúria), bem como outros, já a torno, do Túmulo B de Setefilla (século VIII a.n.e.) e da Alcaçova de Santarém (século VII a.n.e.).

Na necrópole de Palhais exumou-se igualmente um recipiente manual desta morfologia, que foi inicialmente interpretado como urna cinerária,<sup>21</sup> função que também detinha nas necrópoles sidéricas mais antigas da actual Andaluzia (Túmulo I de Las Cumbres, Túmulos A e B de Setefilla, Cruz del Negro).<sup>22</sup> Contudo, esta função parece ter sido descartada com a escavação em laboratório do referido vaso de Palhais, que afinal não continha quaisquer restos de cremações.<sup>23</sup> O exemplar da Vinha das Calças, ao surgir claramente associado a uma inumação, parece antes representativo do papel progressivamente votivo, e já não propriamente de urna, que estes recipientes assumem a partir do século VII a.n.e., facto atestado em La Joya, Cruz del Negro ou Bencarrón.<sup>24</sup>

<sup>8</sup> Almagro-Gorbea e Torres 2008.

<sup>9</sup> Salgado 2006: fig. 3.

<sup>10</sup> Rodríguez Díaz 2004: fig. 80.

<sup>11</sup> Santos *et al.* 2009: fig. 14.

<sup>12</sup> Mataloto 2004: 161.

<sup>13</sup> Mayet e Silva 2000: fig. 55.

<sup>14</sup> *Ibidem*: fig.74.

<sup>15</sup> Mataloto 2004: 160.

<sup>16</sup> Lorrio 2008a.

<sup>17</sup> Antunes 2010.

<sup>18</sup> Torres 2008a.

<sup>19</sup> Ruiz Mata 1995.

<sup>20</sup> Torres 2008a.

<sup>21</sup> Santos *et al.* 2009.

<sup>22</sup> Torres 1999: 171.

<sup>23</sup> Santos *et al.* neste volume.

<sup>24</sup> Torres 1999: 171.

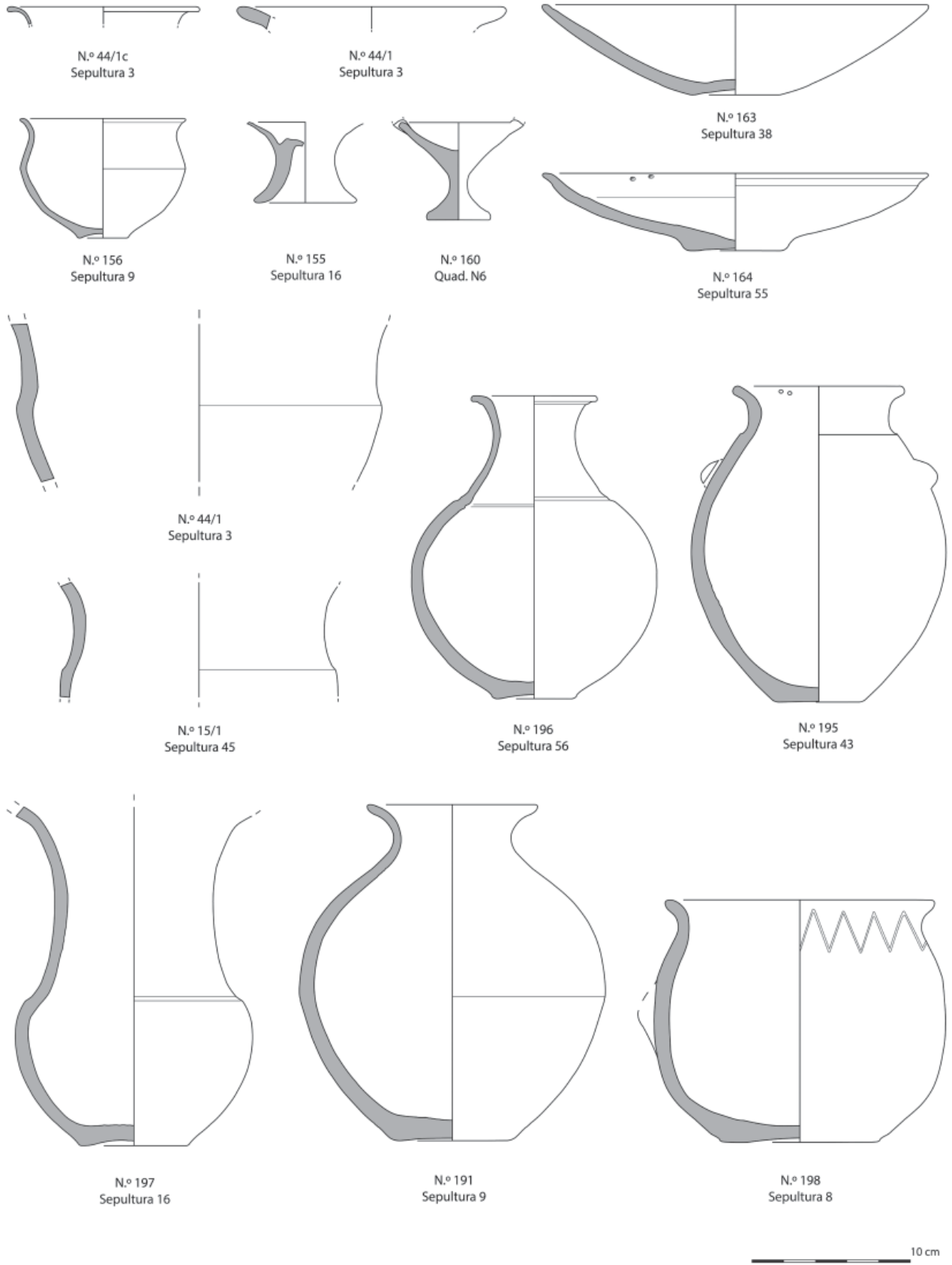


Fig. II.— Conjunto cerâmico exumado na necrópole da Vinha das Calças.

Ainda dentro da cerâmica manual pôde ainda identificar-se um fragmento de bordo de uma peça de morfologia indeterminada (44/1B), não nos parecendo de excluir que possa corresponder a uma peça deste mesmo tipo, sobretudo por provir da mesma sepultura que um dos fragmentos de bojo/carena acima comentados (44/1A).

### 2.1.2. Cerâmica a torno oxidante

A cerâmica a torno oxidante é menos representativa no conjunto do que a cerâmica manual, somando apenas três exemplares, todos de morfologias distintas. A pasta destas peças (com excepção de uma, a que adiante aludiremos) é muito similar à das manuais antes comentadas, com tonalidades entre o amarelo acastanhado e o castanho avermelhado, relativamente pouco depuradas, com inclusões de calcite e plagióclases.

A única forma aberta documentada neste fabrico (164) corresponde a um *prato* em calote de esfera com um bordo extroverso, simples, que se encontra separado do corpo por uma canelura larga o que confere à peça um aspecto vagamente carenado. O fundo, indicado, é plano, e, na porção central da superfície interna, apresenta uma depressão convexa relativamente acentuada. Apresenta ainda uma perfuração dupla ao nível do bordo (Fig. 11).

A morfologia desta peça permite aproximá-la do Tipo A2 definido para a cerâmica oxidante de Medellín, datável do século VII a.n.e., ou ainda da Forma A2A estabelecida para a cerâmica cinzenta daquela necrópole, forma que recobre o período de utilização deste espaço funerário.<sup>25</sup> Também no conjunto de Talavera la Vieja, datado do século VI a.n.e., se documenta um exemplar próximo do da Vinha das Calijas.<sup>26</sup>

A peça 195 corresponde a um *pote* de corpo *grosso modo* piriforme, separado do colo, pouco desenvolvido, por um ressalto bem marcado (Fig. 11). Apresenta bordo simples, extroverso, de secção arredondada e fundo plano. Apresenta, na porção superior do corpo, dois conjuntos duplos de mamilos elípticos, com desenvolvimento na vertical, implantados em pontos diametralmente opostos da peça; cada um desses mamilos apresenta-se perfurado verticalmente. As perfurações dos mamilos alinham-se, por sua vez, com orifícios, também eles

duplos, pouco abaixo do bordo, sugerindo que esta peça se destinaria a ser suspensa.

Deve salientar-se que a aplicação de mamilos é uma técnica particularmente característica do repertório vascular do final da Idade do Bronze, facto que parece sugerir a pervivência na Vinha das Calijas de tradições oleiras locais, neste caso já combinadas com uma inovação técnica, o torno de oleiro, claramente exógena na sua origem.

A morfologia desta peça não conta, por outro lado, com paralelos exactos; pode aproximar-se, com reservas, do tipo D3 da cerâmica comum de Medellín, correspondente a vasos utilizados como urnas na segunda metade do século VII a.n.e., ou ainda da Forma D1B da cerâmica cinzenta daquela necrópole.<sup>27</sup> Em ambos casos, a integração tipológica não pode, de todo, considerar-se exacta, divergindo a peça da Vinha das Calijas em diversos pormenores, como o ressalto que separa o bojo do colo ou a presença de pegas (?) mamilares duplas.

O último vaso (44/1C), cuja morfologia é impossível determinar devido à pequena dimensão do fragmento, destoa dentro do conjunto da cerâmica do sítio por apresentar paredes muito finas e delicadas e pasta bem depurada, sem inclusões visíveis (Fig. 11).

### 2.1.3. Cerâmica cinzenta

A cerâmica cinzenta, que constitui uma das categorias mais representativas dos repertórios cerâmicos “orientalizantes”, está representada na Vinha das Calijas por quatro exemplares que confirmam, a par de numerosas outras evidências, a integração do sítio em círculos culturais supra-regionais. Os exemplares de cerâmica cinzenta da Vinha das Calijas apresentam pastas castanhas acinzentadas claras a cinzentas escuras, bem depuradas, com inclusões de calcites e, em menor número, plagióclases e micas brancas.

A peça 158 corresponde a uma grande *pátera carenada* de tendência hemisférica, bordo simples, extroverso e fundo côncavo, bem indicado (Fig. 8). As superfícies apresentam-se bem polidas. Aproxima-se da Forma 14 de Caro Bellido<sup>28</sup> e da Forma A3 definida por A. Lorrio<sup>29</sup> para a cerâmica cinzenta de Medellín, tendo-se assinalado naquela necrópole que os exemplares com fundo côncavo, como

<sup>25</sup> Lorrio 2008a.

<sup>26</sup> Salgado 2006: fig.4.

<sup>27</sup> Lorrio 2008a.

<sup>28</sup> Caro Bellido 1989.

<sup>29</sup> Lorrio 2008a.

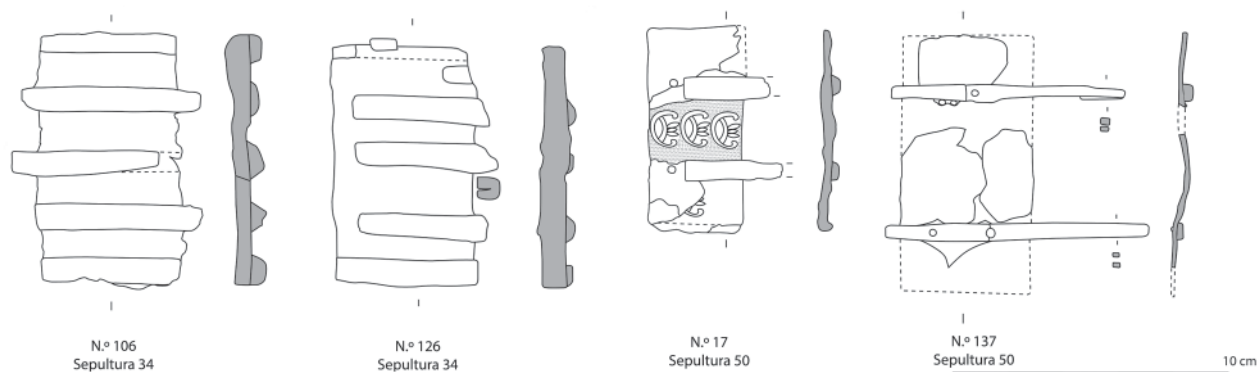


Fig. 12.— Fechos de cinturão exumados na necrópole da Vinha das Caliças.

o da Vinha das Caliças, são mais tardios que os de fundo plano, enquadrando-se entre os meados do século VI e os do V a.n.e. Esta forma está também atestada em Talavera la Vieja,<sup>30</sup> para cujos exemplares se invocam paralelos de Torrejón de Abajo, Cancho Roano e La Mata, para além de numerosos sítios da Baixa Andaluzia (Carambolo, Carmona, Cerro Macareno, Setefilla, Montemolín, Huelva, Tejada la Vieja, Sevilha...).

A pequena *taça carenada* de perfil compósito (156) apresenta a porção inferior do corpo em calote de esfera e a superior de tendência troncocónica (Fig. 11). O aspecto geral é muito delicado, facto realçado pela fina espessura das paredes e pelo cuidadoso polimento das superfícies, que lhe conferem um brilho metálico muito característico. Pode, ainda que com reservas, aproximar-se da Forma B3 da cerâmica cinzenta de Medellín,<sup>31</sup> embora o exemplar em apreço apresente um perfil mais delicado. Na necrópole extremeña esta forma é, em todo o caso, rara, contando com uma única peça, datada do terceiro quartel do século VI a.n.e.

A peça 191 corresponde a um *pote* de corpo globular, colo pouco desenvolvido e bordo simples, extroverso, de secção arredondada (Fig. 11). Trata-se de uma forma relativamente comum, em diversas produções cerâmicas, aproximando-se da Forma DIA de Medellín,<sup>32</sup> enquadrada no século VII a.n.e., cronologia que não parece sustentável para a Vinha das Caliças, ou da Forma VI.5 definida para o repertório cerâmico da Azougada.<sup>33</sup>

O *pote* 196 tem colo estrangulado e muito desenvolvido e corpo globular, separados por um ressalto bem marcado (Fig. 11). O bordo é simples, extroverso e aplanado, e o fundo, bem indicado,

é ligeiramente côncavo. Não se integra facilmente na tipologia da cerâmica cinzenta de Medellín, mas pode aproximar-se (com algumas reservas) de exemplares de cozedura oxidante e engobe cinzento da Azougada recolhidos por A.S. Antunes na sua Forma XI.3.<sup>34</sup> Conta com um possível paralelo também no repertório cerâmico de Talavera la Vieja, embora de produção aparentemente oxidante.<sup>35</sup>

## 2.2. ELEMENTOS DE INDUMENTÁRIA

### 2.2.1. Fechos de cinturão

Na necrópole da Vinha das Caliças foram exumados oito fechos de cinturão, cinco dos quais de bronze, correspondendo aos bem conhecidos modelos de tipo “tartéssico” e de tipo “céltico”, bem como três invulgares exemplares de ferro, próximos do tipo “tartéssico”, cuja presença em contextos sidéricos, embora não inédita, é bastante invulgar.

#### *Fechos de cinturão de tipo “tartéssico”*

Na Vinha das Caliças, puderam identificar-se três fechos de cinturão de bronze de tipo dito “tartéssico” que, embora apresentando alguma variabilidade entre si, podem, não obstante, englobar-se no Tipo 3 de Cuadrado e Ascensão,<sup>36</sup> posteriormente retomado por M.L. Cerdeño<sup>37</sup> e M. Torres,<sup>38</sup> onde se recolhem peças formadas por uma placa rectangular com duas travessas fixadas transversalmente que se prolongam para além do limite das

<sup>30</sup> Salgado 2006: 133-135, fig. 1.

<sup>31</sup> Lorrio 2008a.

<sup>32</sup> *Ibidem*.

<sup>33</sup> Antunes 2010.

<sup>34</sup> *Ibidem*: fig. 181.

<sup>35</sup> Salgado 2006: 133, fig. 1.

<sup>36</sup> Cuadrado e Ascensão 1968.

<sup>37</sup> Cerdeño 1981: 49-50.

<sup>38</sup> Torres 2002: 208.

placas, formando os garfos, e que se distinguem das peças dos Tipo 1 e 2 pelo facto de os bordos laterais das placas se encontrarem reforçados mediante um engrossamento.

Na sepultura 50, pertencente a um indivíduo cujo sexo não pôde determinar-se, mas que será muito provavelmente do sexo feminino, exumaram-se dois elementos pertencentes, com toda a probabilidade, a um único fecho de cinturão deste tipo (Fig. 12).

A peça 137, muito deteriorada, compõe-se de uma placa, de que se conservam apenas alguns fragmentos, na qual se aplicaram, por rebitagem, duas travessas de secção sub-rectangular que são, elas próprias, compósitas, sendo formadas por duas porções unidas por soldadura. Estas travessas prolongam-se para lá dos limites da placa, sendo mais estreitas nas extremidades e dobradas sobre si mesmas para formar garfos; os garfos de uma das extremidades destinam-se a fixar a peça ao cinturão e os da outra encaixariam na peça fêmea correspondente.

Não conserva as duas travessas de reforço da margem que permitiriam, sem lugar a dúvidas, integrá-la no antes comentado Tipo 3 de Cuadrado e Ascensão, facto que atribuímos ao mau estado de conservação visto serem raras as peças do Tipo 2 com dois garfos. A superfície apresenta, além disso, evidências ténues da existência da referida travessa de reforço.

O fecho 17 é igualmente composto por uma placa rectangular, apresentando também duas travessas que não atravessam toda a latitude da peça, encontrando-se fracturadas. Na porção oposta a estas travessas apresenta dois orifícios circulares. As margens laterais da placa encontravam-se reforçadas por travessas longitudinais.

A parte central da placa apresenta-se decorada, com um motivo de tipo “árvore da vida” formado por três palmetas naviformes (*palmetas de cuenco*), contendo no seu interior flores de lótus estilizadas, decoração que deve também ter existido nas porções laterais, onde, contudo, se conserva apenas um pequeno fragmento. A superfície não ocupada por este motivo encontrava-se decorada com um fino granulado. Estes elementos foram realizados, provavelmente pela técnica do repuxamento, sobre uma fina chapa posteriormente aplicada à placa propriamente dita, característica típica dos exemplares de fechos “tartéssicos” decorados.<sup>39</sup>

O elemento macho cobriria parcialmente esta cuidada decoração, pelo que tendemos a crer que possuiria, ele próprio, decoração similar que complementasse a da peça em apreço, como sucede num exemplar da necrópole da Cruz del Negro exumado por G. Bonsor e publicado por L. Montegudo.<sup>40</sup> Se assumirmos que esse elemento macho seria a peça 137, acima descrita, a lâmina onde se executou a decoração ter-se-á perdido, hipótese que parece consistente com o mau estado de conservação que apresenta. O paralelo proporcionado por um elemento macho em tudo similar ao nosso, decorado com o mesmo motivo de palmetas formando “árvore da vida” e o mesmo granulado, exumado na vizinha necrópole de Palhais,<sup>41</sup> reforça a suspeita de que este se encontraria decorado.

A sepultura 47, pertencente a um indivíduo do sexo feminino, continha igualmente dois elementos, macho (169) e fêmea (128), pertencentes a outro fecho deste mesmo tipo (Fig. 13.1).

A peça macho (169) é muito similar à que descrevemos anteriormente, embora o estado de conservação deste exemplar seja muito superior: placa rectangular, com as margens reforçadas por duas travessas de secção rectangular, atravessada por duas outras travessas, neste caso inteiriças, que se prolongam para lá dos limites da placa, estreitando-se e dobrando-se para formar garfos, em tudo similares aos da peça 137.

O elemento fêmea (128), por seu turno, é algo distinto do seu congénere da sepultura 50, desde logo por ser mais largo. Mas também mostra travessas que só cobrem metade da sua longitude, duas das quais se destinam a reforçar as margens, ultrapassando as outras duas, centrais, o limite da placa para formar ganchos destinados a fixar a peça ao cinturão. Na porção oposta, apresenta dois pares de perfurações triangulares, destinadas ao encaixe dos garfos da peça macho.

São bastante numerosos os paralelos que se poderiam apontar para este tipo de fecho de cinturão, pelo que nos limitaremos a invocar alguns deles, mais significativos pela sua proximidade e/ou similitude com os da Vinha das Calças. Desde logo, a já referida peça macho exumada na sepultura 2 da necrópole de Palhais constitui o paralelo mais próximo, quer para a morfologia do elemento macho quer para a decoração da peça fêmea da nossa sepultura 50. A sua decoração e forma contam com um paralelo praticamente exacto no

<sup>39</sup> Cerdeño 1981: 32.

<sup>40</sup> Cf. Cerdeño 1981: fig. 1.

<sup>41</sup> Santos *et al.* 2009: fig. 8.



Fig. 13.— Fechos de cinturão. 1. Sepultura 47; 2. Sepultura 45.

já mencionado exemplar da Cruz del Negro.<sup>42</sup> Também em Medellín<sup>43</sup> e Talavera la Vieja<sup>44</sup> existem diversos exemplares formalmente muito próximos. Outros do mesmo tipo, embora com três garfos, provêm da necrópoles de Torre de Palma<sup>45</sup> e do Olival do Senhor dos Mártires.<sup>46</sup>

Quanto à cronologia, a proposta de E. Cuadrado e M.A. Ascensão<sup>47</sup> que atribuíam ao seu Tipo 3 uma cronologia de finais do século VI – século V a.n.e. foi matizada por M.L. Cerdeño,<sup>48</sup> que assinalou a ausência de atestações seguras de fechos de cinturão “tartéssicos” no século V, recentrando a cronologia do tipo em análise no século VI a.n.e. F. Chaves Tristán e M.L. de la Bandera<sup>49</sup> propõem um recuo considerável na cronologia dos fechos do Tipo 3, colocando os inícios da sua produção no final do século VII a.n.e., ao passo que M. Torres,<sup>50</sup> com base na cronologia proporcionada pela associação de um exemplar deste tipo a pratos de engobe vermelho na Tumba 9 de La Joya, propõe recuar ainda a cronologia dos exemplares deste tipo para os inícios do século VIII a.n.e.

Os fechos de cinturão “tartéssicos” da Vinha das Caliças surgiram numa sepultura feminina e em outra indeterminada. Em ambos casos, encontravam-se associados a braceletes *acorazonados* e, na sepultura 47, feminina, a um conjunto de cosmética. Dado o padrão de distribuição sexual desses elementos na necrópole parece admissível assumir que estes fechos fariam ambos parte da indumentária de indivíduos do sexo feminino.

Para além das peças de bronze acima descritas exumaram-se ainda, nas sepulturas 34 e 48, elementos de ferro que corresponderão, com toda a probabilidade, a dois outros fechos de cinturão que se aproximam do modelo dito “tartéssico”.

Os exemplares 106 e 126 (sepultura 34) corresponderão, com toda a probabilidade, a um único fecho de cinturão (Fig. 12). Trata-se de duas placas rectangulares com cinco travessas de secção *grosso modo* rectangular, duas das quais corresponderão a um reforço da margem da peça e as três restantes aos garfos. Na 106, estas travessas centrais prolongam-se para ambos os lados da placa,

ultrapassando os seus limites, pelo que poderemos interpretá-la como peça macho; a travessa central, melhor conservada, encontra-se dobrada sobre si mesma num dos lados. Na 126, parece haver uma parte não atravessada pelas travessas, o que poderá sugerir que se tratava da peça fêmea, embora não seja possível aferir qual o mecanismo de encaixe dos garfos da peça macho, facto que imputamos ao seu mau estado de conservação.

A peça 24 (sepultura 48) parece corresponder a um fecho completo, mas o estado de conservação torna muito difícil diferenciar os dois elementos, uma vez que se encontram fundidos pela corrosão e pelos depósitos ferrosos decorrentes desta (Fig. 5). Contudo, verifica-se que é em tudo semelhante à anterior, apresentando cinco travessas, duas para reforço das margens e três servindo de garfos.

Os únicos paralelos que pudemos identificar para estes fechos foram exumados no Túmulo A de Setefilla, em que se documentaram exemplares totalmente executados em ferro, associados às Urnas 15 e 22, com um e três garfos, respectivamente,<sup>51</sup> e no Túmulo B da mesma necrópole, onde o único exemplar, de um só garfo, surge associado à Urna 7.<sup>52</sup> A sua cronologia parece contudo ser mais antiga que a das peças da Vinha das Caliças, surgindo sobretudo associadas a incinerações enquadráveis no século VIII-VII a.n.e.

Também estes fechos de ferro estão associados a enterramentos femininos, como é o caso das sepulturas 48 e 34.

#### *Fechos de cinturão de tipo “céltico”*

Os dois fechos de cinturão de tipo dito “céltico” recolhidos na Vinha das Caliças são muito semelhantes entre si, integrando-se sem dificuldade no tipo C.III.1 de Cerdeño,<sup>53</sup> cuja cronologia recobre, segundo aquela investigadora, o final do século VII e todo o VI a.n.e. Estão representados por uma peça (188), correspondendo ao elemento macho do fecho, da sepultura 11 (Fig. 10) e por um excepcional cinturão (1), integralmente conservado, da sepultura 45, que conserva quer o elemento macho quer o fêmea (Fig. 13.2).

As duas peças macho correspondem a placas sub-rectangulares apresentando duas aberturas laterais, de tendência circular, e uma porção dis-

<sup>42</sup> Monteagudo 1953; Cerdeño 1981.

<sup>43</sup> López Ambite 2008: 516, figs. 633-634.

<sup>44</sup> Jiménez Ávila 2006.

<sup>45</sup> Langley *et al.* 2008.

<sup>46</sup> Schüle 1969.

<sup>47</sup> Cuadrado e Ascensão 1968.

<sup>48</sup> Cerdeño 1981.

<sup>49</sup> Chaves e Bandera 1998.

<sup>50</sup> Torres 2002: 208.

<sup>51</sup> Aubet 1975.

<sup>52</sup> Aubet 1978.

<sup>53</sup> *Ibidem*: 284.

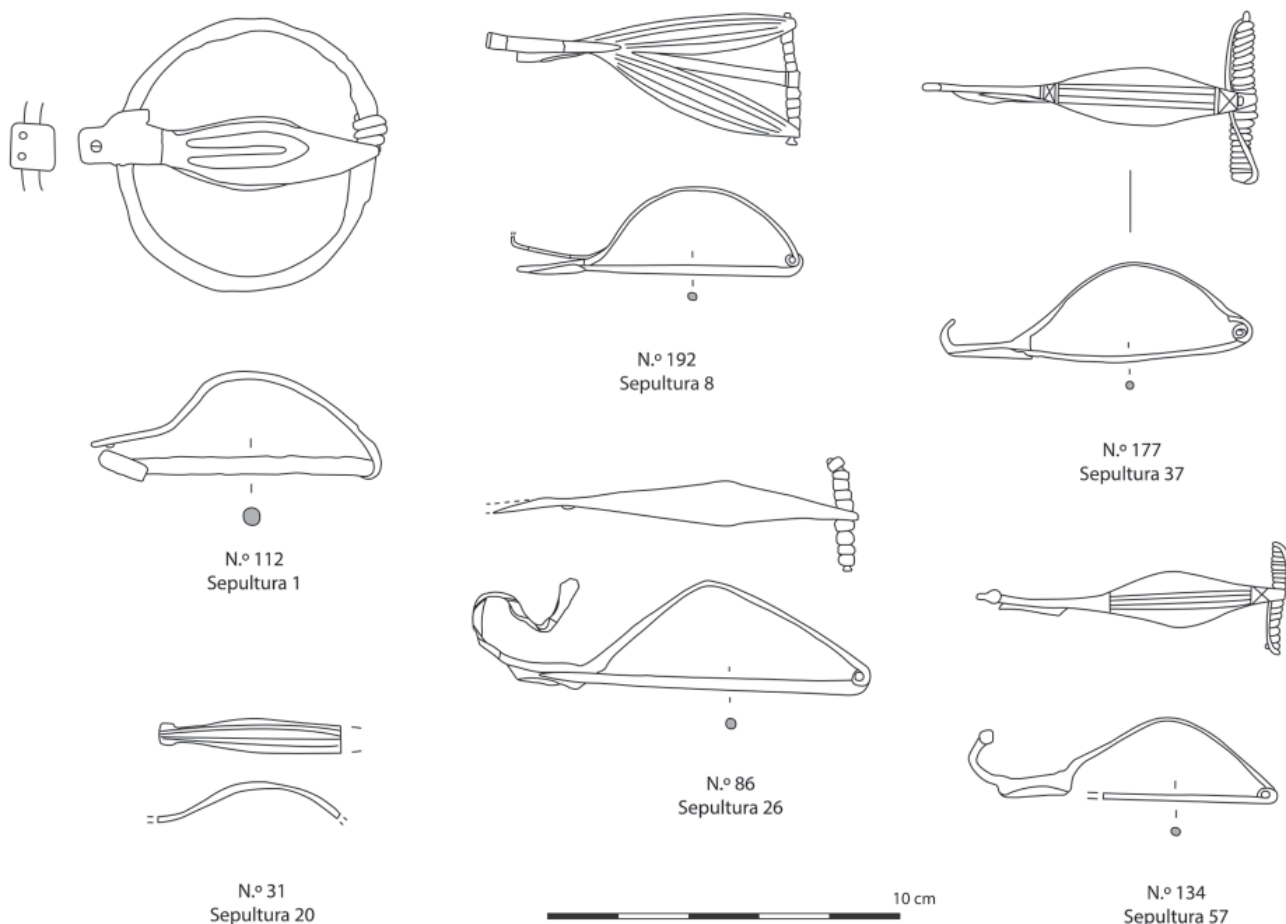


Fig. 14. — Fíbulas exumadas na necrópole da Vinha das Calijas.

tal estreita, possuindo um só garfo. A extremidade proximal, recta, mostra três perfurações destinadas a fixar estas peças nos respectivos cinturões. Apresentam-se decoradas com linhas incisas profundas, que acompanham em parte as suas margens, e com pequenos círculos, aparentemente impressos. Na área central da porção distal, apresentam ainda um botão hemisférico destacado, que aparenta ter sido soldado à peça, não sendo visível no anverso das peças nenhum indício de um rebite para a fixação deste elemento decorativo.

Como já referimos, uma destas peças macho (1) encontra-se ainda ligada a um cinturão que apresenta um estado de conservação verdadeiramente excepcional, tendo sido possível identificar, com segurança, a peça fêmea que lhe correspondia, formada por uma haste de bronze dobrada sobre si mesma, formando três meandros, dos quais o central, mais largo, se destinava à introdução do garfo do elemento macho. O cinturão, a que se encontravam ainda fixados estes elementos, aparentemente de couro (embora ainda não tenha sido possível

proceder a qualquer análise definitiva) apresentava ao longo das suas margens algumas áreas decoradas com pequenas tachas de bronze de cabeça hemisférica e outras com filamentos ondulados, igualmente de bronze.

Este tipo de fecho de cinturão é muito frequente em contextos meridionais, de cariz orientalizante/pós-orientalizante, podendo a esse título referir-se, sem pretensões de exaustividade, os exemplares da Tumba 10 de La Joya (Huelva),<sup>54</sup> da sepultura H de El Acebuchal (Carmona),<sup>55</sup> ou de Medellín, onde o único exemplar deste tipo provém de uma sepultura datada do segundo quartel do século VI a.n.e.<sup>56</sup>

Os exemplares deste tipo apresentam, contudo, uma maior concentração na Meseta Norte, sendo peças típicas nos conjuntos do mundo Celtibérico, onde A. Lorrio recolhe os exemplares mais próximos dos que nos ocupam na sua Forma B1B1,<sup>57</sup> não

<sup>54</sup> Garrido 1970: 61.

<sup>55</sup> Torres 2002: 212.

<sup>56</sup> Almagro-Gorbea 2007: 138-139.

<sup>57</sup> Lorrio 1997: 217.

se pronunciando, contudo, sobre a sua cronologia geral, assinalando apenas a sua presença em contextos atribuíveis à Fase I da cultura Celtibérica na necrópole de Carratiermes,<sup>58</sup> onde se associam, tal como na Vinha das Caliças, a um fecho de cinturão de tipo “tartéssico”.

Peças do mesmo tipo eram já conhecidas no actual território português, no Castro do Gatão (Ourique) e no Crasto de Tavarède (Figueira da Foz), ambas infelizmente de contextos mal conhecidos,<sup>59</sup> acrescentando a esta lista um exemplar recentemente publicado proveniente da necrópole da Tera (Mora).<sup>60</sup>

Os exemplares da Vinha das Caliças exumaram-se numa sepultura masculina (188) e numa outra, situada no Recinto 1, onde o sexo do inumado não pôde determinar-se (1). Em ambos os casos surgiram associadas a elementos de armamento, o que poderia sugerir, ainda que com reservas, tratar-se de inumações masculinas. A peça 188 surge ainda associada a uma xorca.

### 2.2.2. Fíbulas

O conjunto de fíbulas exumado na necrópole da Vinha das Caliças conta com sete exemplares, quatro dos quais são seguramente de Tipo Acebuchal, dois levantam algumas dúvidas, mas podem provavelmente classificar-se naquele mesmo tipo, sendo o sétimo de tipo anular hispânico.

As fíbulas da Vinha das Caliças aparecem exclusivamente em sepulturas masculinas ou para as quais não se pôde determinar o sexo do inumado, surgindo, em praticamente todos os casos, associadas a peças de armamento. Curiosamente nunca aparecem com outros elementos de indumentária ou de adorno, como fechos de cinturão, braceletes *acorazonados* e pulseiras simples. Em pelo menos dois casos foi possível identificar elementos de mobiliário – leitos funerários? – em sepulturas contendo fíbulas, de tipo Acebuchal.

#### *Fíbulas de Tipo Acebuchal (Ponte 9a e 9b)*

Podem interpretar-se como fíbulas de tipo Acebuchal as peças 86, 134, 177 e 192. Três têm ponte única, foliácea ou losânguica, que, em dois casos,

se apresentam decoradas com linhas e/ou aspas incisadas (Fig. 14). Os apêndices caudais são em botão (86, 134) ou simples (177) e as molas, bilaterais e de eixos independentes, possuem cinco (86), oito (134) e doze voltas (177). Os fusilhões são de secção circular, e os descansos de tendência triangular. Enquadram-se, em todos os casos, no Tipo 9a de S. da Ponte.<sup>61</sup>

A peça 134, praticamente completa com excepção do apêndice caudal, possui ponte dupla, apresentando ambos os tramos uma forma foliácea e decoração com quatro linhas incisadas em cada um (Fig. 14). O apêndice caudal, de secção laminar sub-retangular, é constituído por uma peça independente soldada à ponte. A mola é bilateral, com quatro voltas e eixo independente, terminando em pequenos apêndices discóidais. O fuzilhão é de secção circular e o descanso de tendência triangular. Enquadra-se no tipo 9b de S. da Ponte.<sup>62</sup>

Dois outros exemplares (31, 121) (Figs. 8 e 14), bastante incompletos, poderão também ter pertencido a fíbulas deste mesmo tipo, embora ambas pudessem corresponder a fíbulas anulares hispânicas e mesmo, no caso da primeira, de tipo Bencarrón. Todavia, e à luz do panorama geral verificado na necrópole, inclinamo-nos para uma adscrição ao tipo que vimos comentando.

As fíbulas de tipo Acebuchal estão relativamente bem atestadas no actual território português, com exemplares de ponte única (Ponte 9a) na Herdade das Carretas (Quintos, Beja), no Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) e em Santa Olaia (Figueira da Foz) e de ponte dupla (Ponte 9b) em Torre de Palma (Monforte), Castro de Pragança (Alcobaça), Conímbriga e Coto da Pena (Caminha).<sup>63</sup> A sua área de maior concentração corresponde, contudo, ao Baixo Guadalquivir, embora se ateste igualmente na Meseta Norte e no Levante.

Quanto à cronologia, os distintos autores que sobre elas se têm debruçado não são totalmente unânimes. S. da Ponte, seguindo a proposta de W. Schüle,<sup>64</sup> situa estas fíbulas entre os finais do século VII<sup>65</sup> e os finais do VI a.n.e. enquanto M. Torres Ortiz<sup>66</sup> as coloca entre finais do século VII e a segunda metade do VI a.n.e. Por seu turno, J.L.

<sup>61</sup> Ponte 2006: 139-140.

<sup>62</sup> *Ibidem*: 140-141.

<sup>63</sup> *Ibidem*: fig. 29.

<sup>64</sup> Schüle 1969.

<sup>65</sup> Ponte 2006.

<sup>66</sup> Torres 2002: 200.

<sup>58</sup> Lorrio 1997: 221-222.

<sup>59</sup> Almeida e Ferreira 1967.

<sup>60</sup> Mataloto 2010-11: 90 e fig. 8.



Fig. 15.— Brinco e pendente de ouro da sepultura 55.

Argente Oliver,<sup>67</sup> que as recolhe no seu grupo 7A juntamente com as fíbula de tipo Alcores e Ben-carrón, atribui-lhes uma cronologia algo mais tardia, recobrando os finais do século VI e o século V a.n.e. Note-se, a este respeito, que no Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) uma peça de tipo Ponte 9a, em tudo similar aos exemplares 134 e 177 da Vinha das Caliças, se encontrava associada a um vaso ático de figuras negras, concretamente uma *Floral Band Cup*, com uma cronologia bem estabelecida do último quartel século VI a.n.e. e o primeiro da centúria seguinte.<sup>68</sup>

#### *Fíbula anular hispânica (Ponte 17B)*

Na Vinha das Caliças, exumou-se um único exemplar de fíbula anular hispânica (Fig. 14), que poderá eventualmente integrar-se no Tipo 17B de Salete da Ponte, correspondente ao Tipo 12 de Cuadrado.<sup>69</sup> Esta peça apresenta aro de secção circular, tendo por outro lado perdido a mola, que seria seguramente bilateral. O arco é de forma foliácea, com os rebordos dobrados formando margem sobrelevada; apresenta na porção mais larga uma decoração esquemática bífida produzida por repuxamento ou martelagem.

A ponte prolonga-se num apêndice de secção laminar sub-rectangular que comporia a parte móvel do sistema de fecho, que era constituída por um elemento paralelepípedico com duas perfurações nas quais encaixaria um pequeno rebite fixado na extremidade da ponte.

<sup>67</sup> Argente 1986-87.

<sup>68</sup> Correia 1930; Arruda 2006.

<sup>69</sup> Cuadrado 1957.

As fíbula deste tipo são relativamente raras no actual território português, contando-se apenas com dois exemplares do Olival do Senhor dos Mártires estudados por Schüle,<sup>70</sup> um outro da necrópole da Chada (Ourique),<sup>71</sup> um da necrópole de Torre de Palma (Monforte)<sup>72</sup> e ainda um proveniente de Mileu (Guarda).<sup>73</sup> A cronologia proposta por S. da Ponte para os exemplares por si estudados recobre a segunda metade do século VII e todo o VI a.n.e.<sup>74</sup> As peças deste mesmo tipo exumadas em Medellín foram recolhidas no Tipo 3 definido para as fíbula anulares hispânicas daquele sítio, que surgem em contextos da segunda metade do século VI e da primeira metade do V a.n.e.<sup>75</sup>

No caso da Vinha das Caliças, esta fíbula encontrou-se numa sepultura relativamente periférica em relação às áreas de maior concentração de estruturas funerárias, o que poderia sugerir que este modelo se introduziu tardiamente na indumentária da comunidade que depôs os seus mortos nesta necrópole.

### 2.3. ELEMENTOS DE ADORNO

#### 2.3.1. Ourivesaria

Entre o espólio recolhido na Vinha das Caliças conta-se um conjunto relativamente significativo de elementos de adorno produzidos com metais preciosos (tanto ouro como prata) que atestam, sem dúvida, o estatuto social dos seus portadores

<sup>70</sup> Schüle 1969.

<sup>71</sup> Beirão 1986: fig. 22.

<sup>72</sup> Langley *et al.* 2008.

<sup>73</sup> Ponte 2006: n. 78.

<sup>74</sup> *Ibidem*: quadro 55.

<sup>75</sup> Torres 2008b: 534-535.

mas também a capacidade económica da sociedade sidérica que inumou os seus mortos nesta necrópole. Apesar de não ser excessivamente numeroso, o conjunto de ourivesaria da Vinha das Calijas é, ainda assim, diversificado, contando com anéis, brincos, contas e pendentos de colar e um alfinete.

### Anéis

Na sepultura 48, pertencente a um indivíduo do sexo feminino e que revelou um espólio a vários títulos excepcional, tanto pela sua qualidade como pela sua quantidade, exumou-se um conjunto de quatro anéis em prata (14A e B; 24A e B) (Fig. 6.1).

Trata-se de peças formadas por um aro simples de secção circular com alvéolos terminais, nos quais se encaixa um estojo elipsoidal rotativo destinado a engastar uma pedra preciosa ou amuleto, só se conservando este elemento numa das peças (24A), neste caso com uma pedra azul indeterminada (esteatite?). O anverso tem representado a figura de um quadrúpede, possivelmente um cavalo, aos pés do qual parece ver-se uma flor de lótus. Embora provenham da mesma sepultura, os escaravinhos e escarabóides não parecem, pelas suas dimensões, pertencer a nenhum destes anéis.

Os estojos estão, de resto, bastante degradados (tendo inclusivamente desaparecido no caso da peça 14A), podendo apenas num caso, o da peça 14B, discernir-se a existência de decoração, obtida pela aplicação de uma chapa fina de prata com linhas em torsão realizadas a cinzel ao longo de todo o seu diâmetro.

Peças deste mesmo tipo, contendo na maioria dos casos escaravinhos ou escarabóides, são conhecidas em vários outros contextos “Orientalizantes” e “Pós-Orientalizantes” do Ocidente peninsular, de que poderiam referir-se, sem pretensões de exaustão, os exemplares da Herdade do Gaio,<sup>76</sup> os do Olival do Senhor dos Mártires,<sup>77</sup> de que contudo só se conservaram os estojos e os respectivos elementos engastados, da necrópole da Tera,<sup>78</sup> já sem engaste, de Talavera la Vieja,<sup>79</sup> ou os dois exemplares do Tesouro de Aliseda, neste caso de ouro.<sup>80</sup> Em Medellín documentaram-se estojos pertencentes a peças similares às da Vinha



Fig. 10.— Alfinete de prata da sepultura 12.

das Calijas, mas no caso da necrópole extremeña os anéis identificados foram realizados em ferro.

### Brinco e pendente de ouro

Na sepultura 55, cujo espólio osteológico era extremamente limitado, não permitindo aferir o sexo do indivíduo inumado, exumaram-se dois elementos áureos que podem interpretar-se um como brinco outro como pendente.

A peça 7A corresponde a um objecto de tipo *nazm* muito simples, constituído por um aro simples de secção circular, cujas extremidades, alongadas e mais finas que a porção média, foram enroladas em torno do próprio aro formando pequenas espirais, de três voltas, criando, assim, um mecanismo de fecho (Fig. 15.1). Diversas peças deste mesmo tipo foram recolhidas por M.J. Almagro Gorbea<sup>81</sup> no seu catálogo da ourivesaria fenício-púnica do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, de que podem enumerar-se os diversos exemplares de Baria (Villaricos) e Ibiza. Também em Medellín<sup>82</sup> foram exumados exemplares muito similares ao da Vinha das Calijas, em contextos do último quartel do século VI ou inícios do século V a.n.e., para os quais se aduziram paralelos de Cádiz, mas também do mundo Ibérico (Llano de la Consolación; Galea). Para o território português pode referir-se a existência de uma peça deste tipo, mas em prata, proveniente da necrópole do Galeado (Vila Nova de Mil Fontes).<sup>83</sup>

A peça 7B, mais complexa, é igualmente formada por um aro de secção circular no qual se realizou uma primeira volta destinada a configurar um elemento circular para suspensão, tendo-se depois moldado este aro numa forma rectangular de cantos arredondados. As extremidades alongadas do aro foram por sua vez introduzidas numa

<sup>76</sup> Gamer-Wallert 1978.

<sup>77</sup> Gamer-Wallert e Paixão 1983.

<sup>78</sup> Mataloto 2010-2011: 87, fig. 8.

<sup>79</sup> López Grande e Velázquez 2006: 123.

<sup>80</sup> Almagro-Gorbea *et al.* 2009.

<sup>81</sup> Almagro 1986.

<sup>82</sup> Almagro-Gorbea 2008: 371-373.

<sup>83</sup> Beirão e Gomes 1983: fig.14, n.º 3.

peça tubular, aparentemente de osso, saindo pela extremidade oposta desta para se enrolar noutra porção do aro de forma a, finalmente, fechar este complexo sistema de suspensão. Não conhecemos, de momento, nenhum paralelo exacto para esta peça (Fig. 15.2).

#### *Contas de colar*

As contas de colar áureas estão presentes em dois contextos sepulcrais, a sepultura 7, masculina, onde se exumaram quatro exemplares, e a sepultura 48, feminina, onde se encontraram dez (Figs. 6.3 e 9). Deve salientar-se que estas duas sepulturas ofereceram os espólios mais numerosos e diversificados identificados na necrópole, cuja riqueza parece, com efeito, reforçada pela presença destes (e de outros) elementos de metais preciosos.

As contas em questão apresentam uma morfologia globular oca, com as aberturas reforçadas por um engrossamento. Algumas delas apresentam linhas bem visíveis a meia altura do corpo, com toda a probabilidade produto da técnica de fabrico. Peças deste tipo são relativamente frequentes, podendo apontar-se paralelos em Talavera la Vieja,<sup>84</sup> Cancho Roano<sup>85</sup> e Cádiz.<sup>86</sup>

Não é impossível que entre as contas de colar ainda não submetidas a estabilização e restauro se contem outras, neste caso de prata, que, dado o estado de corrosão que muitas das peças deste tipo apresentam, facilmente se podem confundir com elementos de ferro, bronze ou chumbo.

#### *Pendentes de colar*

Justamente da referida sepultura 48 provém um numeroso conjunto de pendentes de prata (Fig. 6.4), de que puderam contabilizar-se pelo menos 43 exemplares, a que poderão, com toda a probabilidade, acrescentar-se outros, demasiado fragmentados para permitirem uma quantificação segura. Muito provavelmente pertenciam a um único colar.

Trata-se de peças piriformes, muito semelhantes a outros elementos de colar tradicionalmente designados como pendentes em forma de “garrafa” ou “bolota”, com um apêndice tubular com extremida-

des engrossadas destinado à sua suspensão. O paralelo mais exacto para estes pendentes é uma peça exumada na sepultura 2 da necrópole de Palhais, que parece ter correspondido ao elemento central de um colar formado por contas de pasta vítrea e de prata.<sup>87</sup> Outras peças que se podem aproximar, ainda que com reservas, das da Vinha das Caliças foram exumadas em Medellín,<sup>88</sup> em contextos de finais do século VII a.n.e. Também muito similar, embora de ouro, é um exemplar proveniente de Segura de León.<sup>89</sup>

Uma outra peça (80), também desta sepultura, desta feita de cornalina (Fig. 6.6), apresenta forma de garrafa ou de cápsula de papoila, integrando-se no tipo B.3.d. de Beck.<sup>90</sup> O paralelo mais próximo provém do Monte do Outeiro 2, sítio que contudo parece enquadrar-se ainda nos momentos finais da Idade do Bronze.<sup>91</sup> A propósito de um exemplar do sítio de Los Castillejos (Córdoba), J. Martín de la Cruz *et al.*<sup>92</sup> apontam uma origem oriental para as peças desta morfologia, que sugerem representar o cálice de uma flor de lótus ou de papoila. Ainda segundo os mesmos autores, a matéria-prima destes pendentes não existe na Península Ibérica, o que indicaria tratar-se de uma peça de importação oriental. Desta mesma sepultura provém um pendente (25) em forma de lágrima (Fig. 6.5), de pedra, aparentemente calcário, sujeita por um sistema de suspensão formado por dois arames de prata, encaixados em quatro sulcos incisos no elemento pétreo, e que, no topo deste se unem, entrelaçando-se e formando um pequeno orifício para suspensão. Não contamos, de momento, com nenhum paralelo para esta peça.

#### *Alfinete*

Finalmente, conta-se ainda entre o espólio da necrópole em estudo uma peça (167) que parece corresponder a um alfinete ou agulha de prata, formado por um arame simples de secção circular dobrado numa das extremidades constituindo um orifício circular (Fig. 16). Foi exumada na sepultura 12, não tendo sido possível diagnosticar o sexo do indivíduo aí inumado.

<sup>84</sup> Perea 2006: 77.

<sup>85</sup> Perea 2003: figs. 5, 6 e 13.

<sup>86</sup> Almagro 1986.

<sup>87</sup> Santos *et al.* 2009: fig. 8.

<sup>88</sup> Almagro-Gorbea 2008: 378.

<sup>89</sup> Celestino e Blanco 2006: 144-145.

<sup>90</sup> Beck 1927: 28.

<sup>91</sup> Mataloto 2012: fig. 207.

<sup>92</sup> Martín de la Cruz *et al.* 2005.

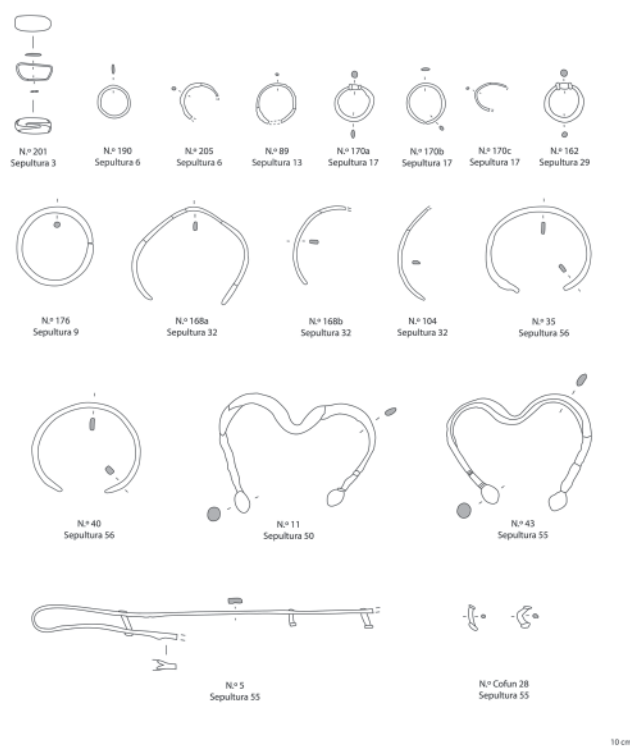


Fig. 17.— Anéis, pulseiras, braceletes e outros objectos de bronze.

### 2.3.2. Outros elementos de adorno

#### Xorca

Contamos com um único exemplar de um bracelete de tipo xorca proveniente da sepultura 11, pertencente a um indivíduo do sexo masculino. A peça compõe-se de um aro tubular oco, de secção circular, no qual se suspenderiam doze pendentes de tipo sanguessuga, maciços (Fig. 10).

As xorcas conhecem uma vasta distribuição na Idade do Ferro, embora pareçam apresentar uma concentração particular na Meseta Norte e no actual território português.<sup>95</sup> No território nacional, conhecem-se exemplares de Lagoa, de Mértola, de Terras Frias (Beja), do Monte Redondo e da Azougada (Moura), do Olival do Senhor dos Mártires e da Rua do Rato (Alcácer do Sal), de Condeixa-a-Velha e do Castro de Cendufe (Arcos de Valdevez). Piñel<sup>94</sup> assinala a coerência dos conjuntos artefactuais que acompanham estas peças nos contextos mais bem conhecidos, que remeteriam para uma cronologia centrada nos séculos VI e V, podendo prolongar-se até inícios do IV a.n.e.<sup>95</sup>

<sup>95</sup> Abásolo *et al.* 2003-2004: 136.

<sup>94</sup> Piñel 1971.

<sup>95</sup> Abásolo *et al.* 2003-2004: 136.

#### Braceletes acorazonados

Exumaram-se na Vinha das Caliças cinco exemplares de braceletes do tipo dito *acorazonado* (Figs. 5, 7 e 17). Trata-se de peças formadas por aro de secção circular (22, 27 e 151) ou elipsoidal, de tendência lenticular (11 e 43), rematadas com apêndices esféricos (novamente, 22, 27 e 151) ou vagamente ovóides (11 e 43). Todos apresentam decoração incisa na porção terminal do aro, próximo da ligação deste com os referidos apêndices, que o estado relativamente pobre de conservação destas peças nem sempre permite restituir com exactidão. Na peça 27, mais bem conservada, estas incisões agrupam-se em dois conjuntos de três incisões cada.

Este tipo de objecto de adorno não é muito usual no actual território português, sendo de destacar a sua presença no Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), onde o exemplar dado à estampa por V. Correia<sup>96</sup> apresenta contudo apêndices troncocónicos, na necrópole d'A-do-Mealha-Nova (Ourique),<sup>97</sup> na de Torre de Palma<sup>98</sup> e na da Tera.<sup>99</sup> Peças da mesma morfologia são, por outro lado, frequentes no Sul peninsular,<sup>100</sup> podendo apontar-se como paralelos relativamente próximos, além dos sítios portugueses já mencionados, os exemplares de Medellín,<sup>101</sup> Talavera la Vieja<sup>102</sup> ou de El Palomar.<sup>103</sup>

Sobre a cronologia destes braceletes, J. Jiménez Ávila<sup>104</sup> assinala que os exemplares mais antigos se enquadram no século VII a.n.e. – cronologia que parece suportada pelos exemplares de Medellín<sup>105</sup> e da necrópole de Les Moreres (Alicante)<sup>106</sup> – e que a sua ausência em Cancho Roano ou Pajares sugere que não terão alcançado o século V a.n.e.

Os exemplares da Vinha das Caliças surgem em sepulturas femininas (sepulturas 47 e 48) ou para as quais não se pôde diagnosticar o sexo do inumado (sepulturas 50 e 55). Pode ainda assinalar-se o facto de surgirem maioritariamente associadas a fechos de cinturão de tipo tartéssico. A sua asso-

<sup>96</sup> Correia 1925: fig. 9.

<sup>97</sup> Dias *et al.* 1970: 201.

<sup>98</sup> Langley *et al.* 2008.

<sup>99</sup> Mataloto 2010-11: fig. 8.

<sup>100</sup> Rovira *et al.* 2005: 1235; Jiménez Ávila 2006: 95-97.

<sup>101</sup> Torres 2008c.

<sup>102</sup> Jiménez Ávila 2006: 95-98.

<sup>103</sup> Rovira *et al.* 2005.

<sup>104</sup> Jiménez Ávila 2006: 95.

<sup>105</sup> Torres 2008c.

<sup>106</sup> González Prats 2002.



Fig. 18.— Contas de colar de pasta vítrea — alguns exemplos dos tipos mais significativos.

ciação a elementos de armamento verifica-se num único caso, o da sepultura 55, que não conserva virtualmente nenhum espólio osteológico, e que apresenta, contudo, um conjunto artefactual que foge à norma verificada no resto da necrópole, podendo porventura tratar-se de uma sepultura dupla, masculina/feminina, à semelhança da 34.

#### *Pulseiras*

Para além dos exemplares *acorazonados*, exumaram-se ainda seis outras pulseiras, de forma circular/ovalada simples, abertas, de secção laminar sub-rectangular (Fig. 17).

Apesar da sua simplicidade morfológica, deve assinalar-se que não se documentam quaisquer paralelos nos principais conjuntos que temos vindo a invocar como referências no estudo comparativo dos materiais da Vinha das Caliças. Com efeito, estas pulseiras, presentes por exemplo no Túmulo A de Setefilla,<sup>107</sup> estão por outro lado ausentes do

inventário de sítios como Medellín, Talavera la Vieja ou Cancho Roano, não se tendo exumado igualmente nenhum exemplar em Palhais, em Torre de Palma ou na necrópole da Tera. Pelo contrário, peças bastante semelhantes são presença relativamente frequente nas necrópoles celtibéricas,<sup>108</sup> ainda que se tenham documentado também em Pajares.<sup>109</sup>

As peças da Vinha das Caliças surgem exclusivamente em sepulturas femininas ou, num caso, infantil, surgindo isoladas (sepulturas 9 e 48), formando par (sepultura 56) ou mesmo um conjunto de três (sepultura 32).

#### *Anéis*

O pequeno conjunto de anéis de bronze exumado na necrópole da Vinha das Caliças inclui anéis simples (Fig. 17), formados por um aro de secção circular completo (82, 89 e 205) ou aber-

<sup>107</sup> Aubet 1975: fig. 163.

<sup>108</sup> Lorrio 1997: 73.

<sup>109</sup> Celestino *et al.* 1999.

to (8), dois anéis de secção laminar, um dos quais aberto (170B) e o outro fechado (190) e ainda dois formados por aro de secção circular simples, aberto, sendo essa abertura colmatada por um remate tubular com os bordos espessados, formando pequeno elemento decorativo adicional (162 e 170A). Exumou-se ainda um provável anel constituído por lâmina de bronze com uma porção central alargada, de forma sub-rectangular, formando a mesa e dois apêndices alongados, dobrados, que produzem o aro, aberto (201).

Estes exemplares foram exumados em sepulturas femininas ou para as quais não se pôde estabelecer o sexo do inumado, não surgindo associados, em nenhuma circunstância, a elementos de armamento. Com efeito, uma das características marcantes dos contextos destas peças é o facto de surgirem muito frequentemente em sepulturas particularmente pobres em espólio, facto que pode explicar-se tanto pelo estatuto social dos inumados como também pelo facto de estarmos perante artefactos de pequena dimensão que facilmente escapariam num processo de saque como o que aparenta ter-se verificado em várias sepulturas da necrópole.

#### *Contas do colar*

As contas de colar são muito abundantes na necrópole, tendo-se contabilizado um total de pelo menos 1359 exemplares.

As de pasta vítrea destacam-se pelo seu número (794 peças) e variedade morfológica e decorativa (Fig. 18). O conjunto inclui contas esféricas azuis simples (334 exemplares) e com decoração oculada (61 exemplares), esféricas achatadas azuis simples (97 exemplares) e com decoração oculada (1 exemplar) bem como contas cilíndricas azuis (2 exemplares), todos tipos bem representados em outros conjuntos do Sudoeste Peninsular.<sup>110</sup> Identificaram-se também peças com morfologias invulgares, de que destacaríamos um nutrido conjunto de contas tubulares translúcidas (102) ou as relativamente abundantes peças esféricas azuis escuras com decoração em espinha a branco (84), muito raras nos outros contextos sepulcrais peninsulares, ainda que se tenham registado nas necrópoles d'A-Do-Mealha-Nova e da Herdade do Pego.<sup>111</sup> Singulares na necrópole são uma conta cúbica azul clara, sem

paralelos, e outra esférica com decoração oculada e aplicações esferoidais de coloração amarela de cádmio. De referir ainda que as contas de colar de pasta vítrea surgem nas sepulturas femininas e, minoritariamente, nas infantis, não estando atestadas em qualquer sepultura masculina, ressalvando-se contudo o facto de o sexo do inumado não ter sido identificado em todas as sepulturas que continham estes elementos.

Também muito abundantes (400 exemplares) são as pequenas contas discóides cuja matéria-prima foi impossível determinar, mas que pode corresponder a faiança egípcia.

Mais raras são as de bronze (24), tubulares e esféricas, sendo exclusivas das sepulturas femininas, havendo ainda 124 que não pudemos classificar quanto à matéria prima dado o seu mau estado de conservação.

De cornalina registaram-se apenas duas contas, ambas bi-troncónicas, para além do pendente em forma de garrafa ou de cápsula de papoila já anteriormente comentado.

#### 2.4. OS AMULETOS

Na sepultura 48, feminina, que ofereceu o maior conjunto de materiais, sobretudo de adorno) também muito diversificados quanto à matéria prima (contas de colar de ouro, pasta vítrea, e cerâmica; pendentes de prata em forma de bolota, anéis de prata e bronze; braceletes *acorazonados*, etc) foram encontrados seis escaravelhos/escarabóides, de pasta branca, todos perfurados longitudinalmente, alguns dos quais exibem ainda o que resta do seu revestimento verde claro, para além do já anteriormente comentado, de pedra azul, ainda encaixado no estajo elipsoidal rotativo de um dos anéis de prata desta mesma sepultura (Fig. 6.3). As peças encontram-se em estudo por M. Almagro-Gorbea e M. Torres, mas permitimo-nos adiantar que, entre os primeiros, se contaram três que indicam claramente o nome de Petubastis, frequente em contextos peninsulares, inclusivamente no actual território português, como é o caso das necrópoles alentejanas de Corte Margarida<sup>112</sup> e de Mealha-Nova.<sup>113</sup> Tudo indica que se trata de produções de Naucrátis, e a sua cronologia, a avaliar pelos dados de Cartago, de Quios e também de Jardín, em Málaga, deve situar-se nos finais do século VII e

<sup>110</sup> Jiménez Ávila 1999; 2003.

<sup>111</sup> Dias *et al.* 1970.

<sup>112</sup> Deus e Correia 2005; Almagro-Gorbea e Torres 2009.

<sup>113</sup> Dias *et al.* 1970; Almagro-Gorbea e Torres 2009.

no século VI a.n.e.<sup>114</sup> Um quarto representa um leão, deitado, sobre o qual se destaca um sol, símbolo de Rá, mas também do faraó. Ambos os símbolos em associação são comuns em escaravinhos da XXVI dinastia, mais exactamente dos reinados de Psamético I e II, ainda que os finais do século VII e o século VI venham sendo atribuídos a peças com idêntica iconografia, geralmente por associação contextual, sendo considerados produções de Naucrátis.<sup>115</sup>

Parece desnecessário insistir no carácter apotropaico deste tipo de artefacto, a maior parte das vezes encontrado em contextos sepulcrais.

## 2.5. ELEMENTOS DE COSMÉTICA

Entre os espólios funerários da Vinha das Caliças, contam-se alguns elementos que podem com toda a probabilidade associar-se a práticas cosméticas. Da sepultura 47, pertencente a um indivíduo do sexo feminino, provém um interessante conjunto que integra uma argola de bronze de secção circular (6A), uma pequena colher (6B) constituída por uma haste com uma das extremidades achatada e a outra enrolada, formando pequeno orifício para suspensão, uma pequena pinça (6C) composta por uma lâmina de secção rectangular, igualmente com um orifício para suspensão na extremidade proximal formada pelo alargamento dos braços e um pequeno bastonete (6D) de secção circular, com uma das extremidades enrolada criando um orifício para suspensão. As três últimas peças suspender-se-iam da argola, formando assim um pequeno *conjunto de toucador* (Fig. 7).

Este tipo de conjunto, até há pouco inédito no território português, foi também identificado na necrópole de Palhais. Na sepultura 1 daquela necrópole, identificou-se com efeito um conjunto de toucador formado por uma pequena espátula, uma colher, um *scalptorium* e ainda uma quarta peça, de função indeterminada, unidos por uma argola metálica.<sup>116</sup> Também na sepultura 2 se exumou outro destes conjuntos, mais reduzido, composto por uma colher e um *scalptorium*.<sup>117</sup> A propósito destes conjuntos, os investigadores responsáveis pelo estudo da necrópole de Palhais recordam que, apesar de raros no território peninsular, estes conjuntos

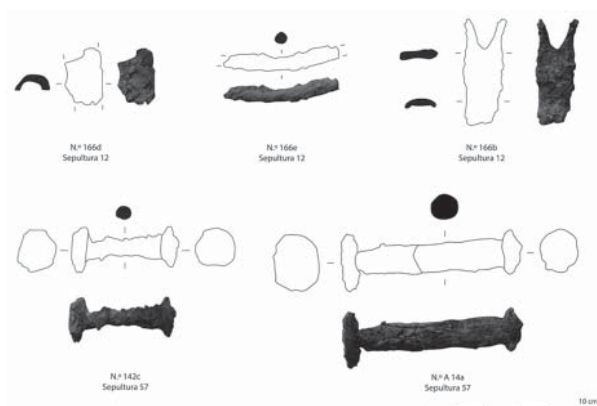


Fig. 19.— Elementos de mobiliário (*diphros*).

são recorrentes em contextos do Sul da França e da Suíça, sendo mesmo considerados um dos fósseis-directores do Hallstático Médio da Suíça meridional cronologicamente enquadrado entre 650 e 550 a.n.e.

No território peninsular, exemplares de conjuntos análogos foram identificados na sepultura 9 de La Joya<sup>118</sup> e, já na área Ibérica, na necrópole de Los Villares, em contextos dos séculos VI e V a.n.e.<sup>119</sup> Estão também presentes na necrópole de Ampúrias.<sup>120</sup> Em contextos não funerários deve assinalar-se a sua presença em Cancho Roano.<sup>121</sup>

Por outro lado, e ao nível dos componentes individuais deste conjunto, deve assinalar-se que apenas a pinça tem bons paralelos em outros contextos, surgindo recorrentemente desde, pelo menos, o Bronze Final,<sup>122</sup> contando com bons paralelos, também individualmente, em Setefilla,<sup>123</sup> no já referido sítio de Cancho Roano, bem como em Medellín,<sup>124</sup> para mencionar alguns dos exemplos possíveis.

Consideramos também, ainda que sob reserva, a peça 72 como uma espátula de ferro destinada a funções cosméticas (Fig. 5), facto sugerido pelas suas dimensões relativamente reduzidas bem como pelo cabo cuidadosamente trabalhado, formado por elementos de tendência globular que lhe conferem uma aparência nervurada, e rematado por um pequeno “punho” globular. A folha desta espátula, de secção rectangular, apresenta uma marcada curvatura, não sendo possível, dado o seu avançado

<sup>114</sup> Almagro-Gorbea e Torres 2009.

<sup>115</sup> Padró 1983.

<sup>116</sup> Santos *et al.* 2009: 762.

<sup>117</sup> *Ibidem*: 768.

<sup>118</sup> Garrido 1970.

<sup>119</sup> Blázquez 1990.

<sup>120</sup> Almagro Basch 1953: 92.

<sup>121</sup> Celestino e Zulueta 2003: fig.18,1.

<sup>122</sup> Spindler *et al.* 1973-74.

<sup>123</sup> Aubet 1975; 1978.

<sup>124</sup> Torres 2008d.

estado de degradação, garantir se esta se relaciona com a sua morfologia original ou com uma deformação pós-deposicional.

Os melhores paralelos encontrados para esta peça foram exumados na sepultura 2 de Palhais,<sup>125</sup> pertencente a um indivíduo do sexo feminino, e em Los Pajares,<sup>126</sup> tendo ambos sido considerados como armas/facas afalcatadas. Tal interpretação, não sendo impossível, parece-nos contudo menos adequada do que aquela aqui avançada.

## 2.6. ELEMENTOS DE MOBILIÁRIO

### 2.6.1. Osso

As sepulturas 47 e 48, ambas femininas, revelaram um conjunto de pequenos elementos em osso trabalhado, que poderão corresponder a aplicações de peças de mobiliário (Figs. 5 e 7).

A sepultura 47 proporcionou uma ou duas peças (que desdobramos como A99a e b por não ter sido possível estabelecer definitivamente a sua pertença a um único elemento, o que contudo nos parece provável) realizadas sobre diáfise de osso longo de animal indeterminado, formando elementos curvos, convexos, apresentando perfurações circulares que, a acreditar numa função como apliques de mobiliário, serviriam para fixação à madeira.

A sepultura 48 continha uma peça deste mesmo tipo (36B), bem como uma pequena placa sub-quadrangular com dois pequenos apêndices num dos lados (150) e uma outra, sub-rectangular, com as margens laterais desenvolvidas formando uma secção em “Γ” (36A).

A análise destas peças permite afirmar que nenhuma delas foi realizada em marfim (informação da Doutora M. Évora, a quem agradecemos). Encontram, não obstante, alguns paralelos na eborária (*cf.*, por exemplo, as peças de Medellín<sup>127</sup>), nomeadamente em elementos de mobiliário que, contudo, se encontram normalmente decorados, facto que não se verifica nos exemplares da Vinha das Caliças.

### 2.6.2. Ferro/Bronze

Entre os artefactos de ferro da Vinha das Caliças, identificaram-se uma série de peças que pa-

recem corresponder a elementos de mobiliário de tipo *diphroi* ou, mais provavelmente, a algum tipo de leito funerário (Fig. 8, 10 e 19).

Consistem em placas de ferro unidas mediante a aplicação de grampos de bronze, que seriam utilizadas para juntar e articular os diferentes elementos constituintes da peça de mobiliário,<sup>128</sup> eixos de secção circular, rematados nas suas extremidades por placas também circulares, e pequenos elementos que parecem corresponder a uma espécie de remates.

Entre os eixos, as características morfológicas dos exemplares da Vinha das Caliças integram-se no tipo 3B proposto por J. Jiménez Ávila,<sup>129</sup> datado, na necrópole de Medellín, entre 575 e 475 a.C. Estes eixos podem, ocasionalmente, apresentar vestígios de decoração, que pode ser incisa ou aplicada. Com efeito, uma das peças identificadas na Vinha das Caliças exhibe uma capa de osso polido decorada com motivos radiais incisos, aplicada sobre uma das extremidades do eixo (Fig. 10).

Este tipo de elementos foi identificado em outras necrópoles peninsulares, concretamente em Medellín, Acebuchal,<sup>130</sup> Alcácer do Sal,<sup>131</sup> Jardín<sup>132</sup> e Cruz del Negro,<sup>133</sup> assumindo-se, de uma forma genérica, uma cronologia centrada sobretudo em torno ao século VI a.C.<sup>134</sup>

Na necrópole extremeña, as peças de *diphroi* ou leitões funerários surgem tendencialmente associadas a indivíduos adultos, sobretudo de sexo masculino (11 ocorrências), sendo raras as situações em que acompanham enterramentos femininos, conhecendo-se apenas dois casos.<sup>135</sup>

Na Vinha das Caliças, os dados existentes permitem também valorizar a sua associação aos túmulos masculinos (sepulturas 7, 11 e 57), não tendo sido possível determinar o sexo nos restantes dois casos (sepulturas 12 e 20). Estes dados permitem, contudo, numa primeira análise, confirmar a tendência verificada na necrópole de Medellín.

A presença destes elementos de mobiliário em contextos funerários está, seguramente, relacionada com o prestígio social dos indivíduos inumados. A sua existência permite supor a realização de um ritual ligado ao transporte e deposição do corpo no

<sup>128</sup> Jiménez Ávila 2008: 542.

<sup>129</sup> *Ibidem*: 544.

<sup>130</sup> *Ibidem*.

<sup>131</sup> Schüle 1969.

<sup>132</sup> Schubart e Maass-Lindemann 1995.

<sup>133</sup> Maier 1999.

<sup>134</sup> Jiménez Ávila 2008.

<sup>135</sup> *Ibidem*: 552.

<sup>125</sup> Santos *et al.* 2009: fig. 8.

<sup>126</sup> González Cordero 1999: fig. 1g.

<sup>127</sup> Almagro-Gorbea 2008.

espaço sepulcral, cuja complexidade poderá reflectir o estatuto social do ente falecido.

## 2.7. ARMAS

### 2.7.1. Lanças e contos

As armas são, sem dúvida, o tipo de artefacto mais numeroso do conjunto recuperado na Vinha das Caliças, se exceptuarmos as contas de colar, que, contudo e por razões óbvias, não podem contabilizar-se individualmente. A maioria dos fragmentos identificados corresponde a folhas de lança e aos respectivos contos (Fig. 20).

As primeiras constituem um dos elementos de armamento mais emblemático do Extremo Ocidente durante a Idade do Ferro. A sua tipificação é, contudo, uma tarefa consideravelmente complexa, uma vez que a grande variedade métrica e morfológica dos exemplares conhecidos tem constituído um obstáculo às várias tentativas de sistematização.<sup>136</sup>

Uma das mais recentes tipologias proposta para as folhas de lança peninsulares<sup>137</sup> defende a subdivisão destes materiais com base numa série de aspectos morfológicos e métricos, relacionados com o comprimento e a largura da folha e também com a secção da nervura central. Os exemplares recolhidos na Vinha das Caliças integram-se-iam, sobretudo, no tipo V desta tipologia, especificamente nas suas variantes A e B.<sup>138</sup> Os indicadores cronológicos associados a esta forma específica não são, infelizmente, de grande utilidade, sendo baseados, sobretudo, nos dados de estações arqueológicas da área Ibérica, onde as cronologias são, por norma, mais tardias (sobretudo séculos IV e III a.n.e.).

As folhas de lança da Vinha das Caliças apresentam uma dimensão considerável, oscilando o seu comprimento máximo entre os 32,6 e os 49,5 cm, sendo o seu alvado de secção circular. A largura das folhas centra-se em torno aos 4,5 cm. Apresentam uma nervura central bem marcada, de secção semi-circular. Foram recuperados 13 fragmentos que consideramos pertencer seguramente a este tipo de artefactos.

Os contos de lança recuperados na Vinha das Caliças (22 peças confirmadas) constituem também, morfológicamente, um grupo consideravelmente homogéneo. Apenas o seu comprimento

conservado é bastante variável, entre os 18,5 cm e os 60,7 cm, situando-se, no entanto, a grande maioria, sempre acima dos 30 cm. A secção destes artefactos é invariavelmente circular, apresentando um alvado com cerca de 5,5 cm a 10 cm.

Estes elementos seriam encabados numa haste de madeira, na extremidade oposta à folha de lança e serviam diferentes funcionalidades. Por um lado, podiam ser utilizados como uma arma auxiliar na eventualidade da folha de lança se partir, ou mesmo para golpear adversários que já se encontrassem por terra. Uma outra função seria a de fincar a lança no solo, em períodos de inactividade. Em último lugar, resta assinalar a sua importância como contra-peso, que facilitaria o manuseio da arma.<sup>139</sup>

Entre os conjuntos funerários mais bem conservados da Vinha das Caliças, foi possível, em cinco sepulturas, associar as folhas de lança e os respectivos contos (sepulturas 14, 26, 34, 38 e 45).

Em outras situações, e apesar de se identificar a presença de quatro elementos de ferro que se assemelham a lanças, não é possível, de momento, determinar se correspondem efectivamente a esse ou a outro tipo de arma, uma vez que a frequência dos contos de lança permite admitir a possibilidade da presença de um artefacto com esse tipo de remate em ambas as extremidades da haste de madeira, configurando uma espécie de dardo. Esperamos que, no futuro, um tratamento de limpeza e consolidação destes materiais permita esclarecer esta questão.

Este tipo de armas é consideravelmente frequente no espólio funerário, ainda que se relacionem exclusivamente com as inumações de indivíduos masculinos. Com efeito, entre os doze enteramentos deste género, apenas duas sepulturas (8 e 43) não continham lanças entre os artefactos exumados. Estes dois casos são também as que apresentam o espólio mais escasso, contando cada qual com apenas um artefacto.

A frequência desses elementos é uma situação que contrasta, de certa forma, com os dados conhecidos, por exemplo, para a necrópole de Medellín, onde este tipo de armas surge associada apenas a uma única sepultura – 85 A/2.<sup>140</sup>

No entanto, nas zonas mais meridionais, a presença de lanças em sepulturas de inumação não é de todo invulgar. O conjunto da Vinha das Caliças destaca-se, contudo, por apresentar duas singularidades.

<sup>136</sup> Schüle 1969; Cuadrado 1989; Quesada 1989.

<sup>137</sup> Quesada 1997.

<sup>138</sup> *Ibidem*: 366-369.

<sup>139</sup> *Ibidem*: 430-431.

<sup>140</sup> Lorrio 2008b.

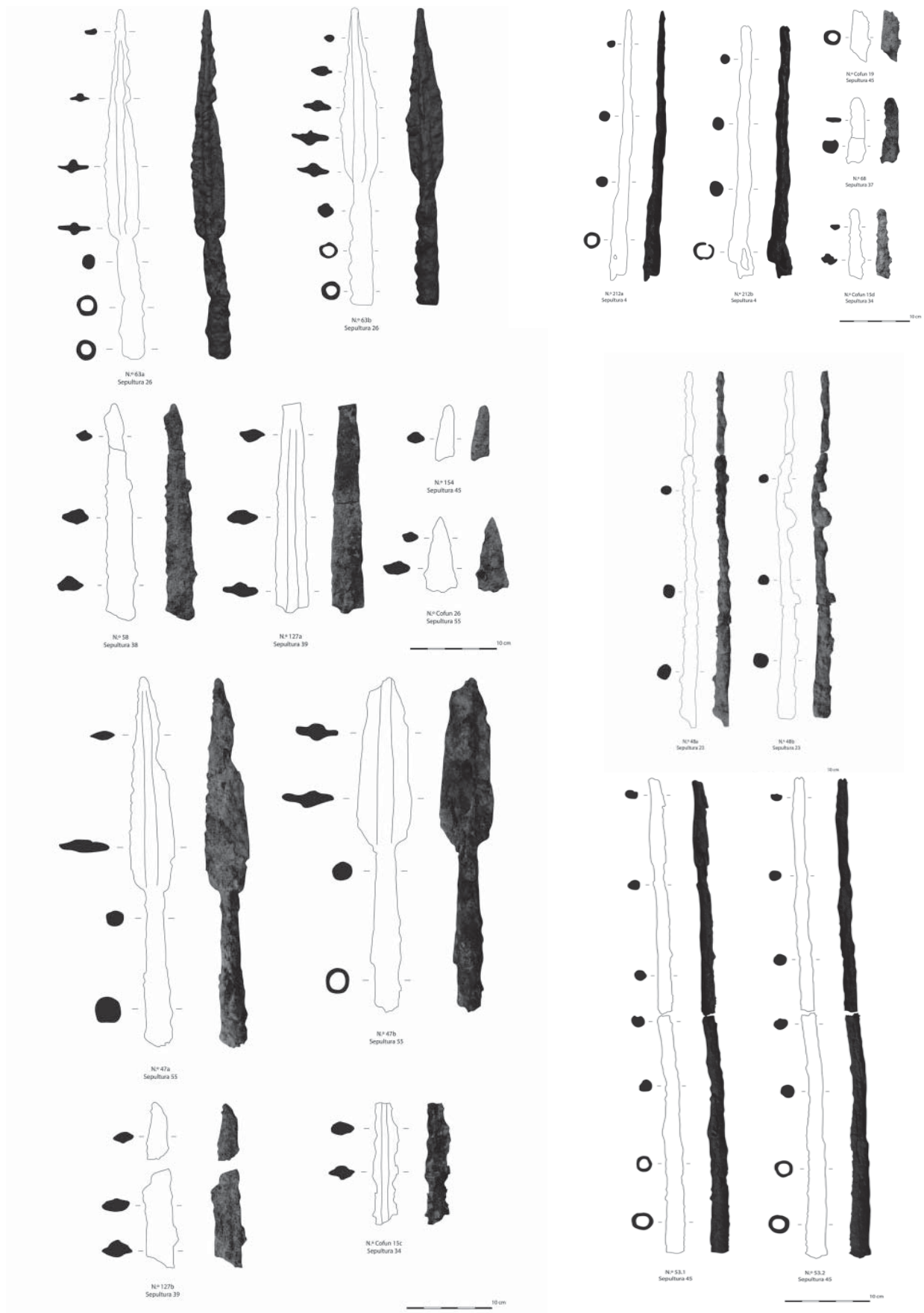


Fig. 20.— Folhas e contos de lança.

A primeira centra-se no facto de existirem indícios que permitem defender que estas armas eram colocadas na sepultura montadas na haste de madeira, ao contrário do que parece ocorrer em outros casos, como por exemplo na já referida sepultura de Medellín.<sup>141</sup>

Por outro lado, destaca-se, na Vinha das Calijas, a deposição destas armas em pares junto do corpo. Esta situação não é, contudo, singular no território actualmente português, tendo-se identificado casos similares nos túmulos 1 e 6 da necrópole de Fonte Santa, nos túmulos 1, 2 (Sector A) e 1 (Sector B) da necrópole de Chada e no túmulo III de A-do-Mealha-Nova.<sup>142</sup>

Um último aspecto que caberia discutir incide no significado efectivo deste tipo de artefactos em contexto funerário.

Se os dados anteriormente expostos permitem assumir a existência de uma classe guerreira, cujo *status* estaria plasmado, no mundo funerário, através da deposição dos artefactos usados quotidianamente em vida, é também possível considerar que eles se revistam de um carácter meramente simbólico, sem que tenham tido uma utilização efectiva durante a existência do indivíduo. Por outro lado, as lanças da Vinha das Calijas não estão inutilizadas, ao contrário do que sucede em outras necrópoles do território português.<sup>143</sup>

Por outro lado, parece também importante recordar que na necrópole da Vinha das Calijas as sepulturas de indivíduos masculinos que não têm este tipo de armas entre os espólios funerários são muito raras. Sendo uma presença com tal índice de frequência, pensamos ser mais sensato assumir que estas peças de armamento se tenham revestido de um significado eminentemente simbólico.

### 2.7.2. Facas afalcatadas

Um outro tipo de artefactos que pode ser incluído no grupo das armas é constituído pelas chamadas “facas afalcatadas” (Fig. 21), ainda que saibamos que esta adscrição funcional não é consensual, uma vez que podem ter sido também utilizadas como utensílios.<sup>144</sup>

As associações contextuais entre os conjuntos artefactuais específicos das sepulturas da Vinha das

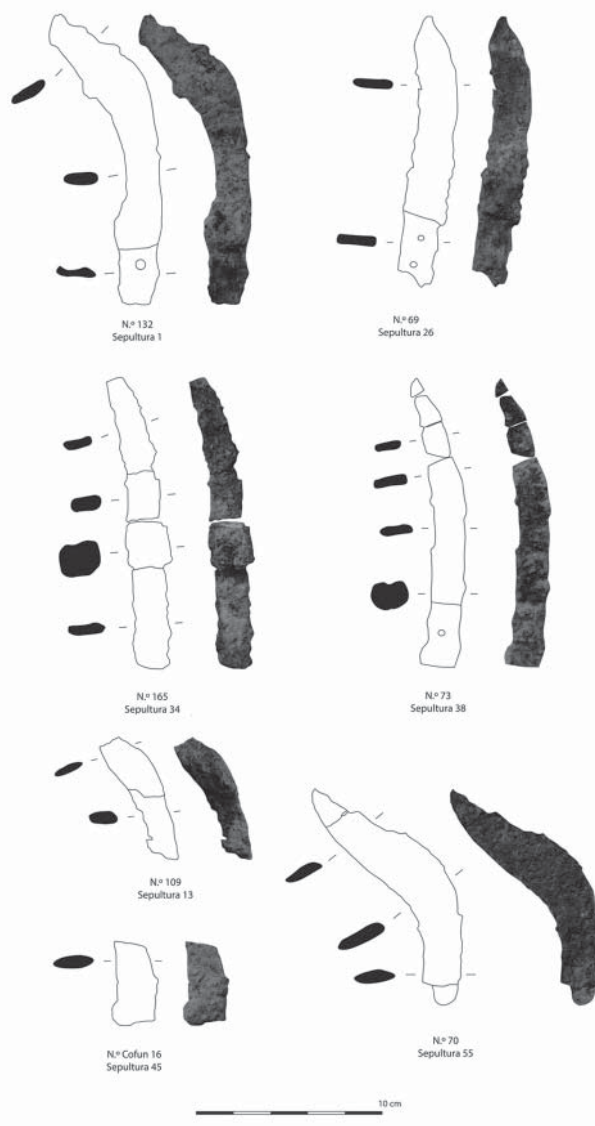


Fig. 21.— Facas afalcatadas.

Calijas permitem, no entanto, sustentar essa integração funcional. Com efeito, a quase totalidade dos fragmentos de facas afalcatadas surge associada aos elementos de lança que, como já referimos, são exclusivos dos enterramentos de indivíduos masculinos (sepulturas 1, 11, 20, 23, 26, 34, 37, 38, 45, 57). Apenas em um único caso (sepultura 13) se identificou a presença de uma faca afalcatada entre o espólio de uma inumação feminina. Refira-se, contudo, que em Medellín estes artefactos associam-se indistintamente a indivíduos masculinos, femininos, ocorrendo também em túmulos duplos, de mulheres com infantis.<sup>145</sup>

A relação entre facas afalcatadas e lanças verificada na necrópole de Beringel não é, de todo, infrequente no Ocidente peninsular, conhecendo-se pa-

<sup>141</sup> Lorrio 2008b: 563.

<sup>142</sup> Beirão 1986.

<sup>143</sup> Schüle 1969; Beirão 1986.

<sup>144</sup> Kurtz 2003; Lorrio 2008c.

<sup>145</sup> Lorrio 2008c.

rales em Alcácer do Sal<sup>146</sup> ou em Medellín,<sup>147</sup> neste último caso, numa sepultura datada do segundo quartel do século VI a.C. de um indivíduo masculino de cerca de 40-50 anos. Este conjunto de artefactos, denominado como “panóplia orientalizante” por A. Lorrio,<sup>148</sup> encontra paralelos também nas necrópoles de Fonte Santa, A-do-Mealha-Nova e Chada.<sup>149</sup>

As facas da Vinha das Caliças (13 peças confirmadas) apresentam uma dimensão entre os 14,4 cm e os 18,8 cm, tendo um perfil curvilíneo, enquadrando-se no tipo 3 proposto por A. Lorrio com base nos artefactos recuperados em Medellín, para o qual foi proposta uma cronologia centrada em torno ao século VI a.C.<sup>150</sup>

Haveria ainda a referir neste apartado uma outra peça (76), distinta na sua morfologia das restantes, cuja classificação enquanto faca afalcatada oferece contudo reservas. Esta peça apresenta, com efeito, um apêndice, de bronze, em arco na sua extremidade proximal, sem paralelos nos restantes exemplares de facas afalcatadas da necrópole.

A presença de facas afalcatadas entre o espólio votivo é bastante frequente em outros ambientes funerários do Extremo Ocidente, como é o caso de Setefilla,<sup>151</sup> La Joya,<sup>152</sup> Cruz del Negro<sup>153</sup> e também de Alcácer do Sal.<sup>154</sup>

A sua função nestes contextos pode, contudo, ser mais dilatada, tendo sido proposto que estes elementos podem ter desempenhado também um importante papel na celebração de banquetes funerários.<sup>155</sup> Tal função parece estar expressa justamente na necrópole que aqui estudamos, onde uma desta facas foi encontrada no interior de um grande prato de cerâmica cinzenta (sepultura 7). Enquanto espólio votivo, as facas afalcatadas podiam ter, também, um importante valor simbólico, representando um *status* diferenciado do indivíduo a quem pertenciam. Essa diferenciação poderia ainda ser mais ou menos acentuada consoante as aplicações decorativas utilizadas, que poderiam ser de bronze ou mesmo de prata, como se constata, por exemplo, em exemplares de Setefilla.<sup>156</sup>

<sup>146</sup> Paixão 1983.

<sup>147</sup> Lorrio 2008b.

<sup>148</sup> *Ibidem* 563.

<sup>149</sup> Beirão 1986.

<sup>150</sup> Lorrio 2008c.

<sup>151</sup> Aubet 1975.

<sup>152</sup> Garrido 1970.

<sup>153</sup> Monteagudo 1953.

<sup>154</sup> Schüle 1969; Paixão 1983.

<sup>155</sup> Almagro-Gorbea 1998; Lorrio 2008b.

<sup>156</sup> Aubet 1975; Lorrio 2008c.

### 2.7.3. Outras armas?

Entre os artefactos de ferro recolhidos na necrópole da Vinha das Caliças, conta-se um cuja integração no grupo das armas levanta algumas dúvidas mas que, ainda assim, decidimos classificar enquanto tal. Trata-se de uma peça de dimensões consideráveis (cerca de 50 cm), que apresenta uma morfologia rectilínea nos seus dois terços superiores, encurvando no terço inferior. A secção é, simetricamente, semi-circular na área rectilínea e rectangular na encurvada. O encabamento foi realizado através de rebites, cujos orifícios se conservam na área destinada a esse efeito, na extremidade proximal, quando a lâmina reduz, consideravelmente, de espessura (Fig. 22). A hesitação na sua classificação baseia-se na inexistência de paralelos directos e ainda na própria morfologia que apresenta. Por outro lado, diferencia-se, quer na forma quer na secção, do modelo da falcata, não podendo ser classificada enquanto tal, ainda que o nosso artefacto apresente um certo ar de família com essas armas. Os mesmos argumentos serviram para excluir a hipótese de se tratar de uma foice.

Ainda que o sexo do indivíduo inumado não se tenha determinado, a verdade é que esta peça fazia parte, muito possivelmente, do espólio funerário de um indivíduo do sexo masculino, uma vez que a sepultura onde foi encontrada (45) continha igualmente um cinturão com fecho de tipo “céltico” (Fig. 10), bem como dois contos de lança, espólios que na Vinha das Caliças, e como já referimos antes, se associam a enterramentos masculinos.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A extensa área escavada na Vinha das Caliças permitiu conhecer com profundidade uma necrópole da Idade do Ferro que possui, juntamente com outras localizadas no território mais ou menos próximo, um conjunto de características ao nível da arquitectura, do ritual funerário e dos espólios recuperados que deve ser devidamente discutido num quadro mais vasto: o da Idade do Ferro do interior alentejano. Mas sobre a própria necrópole e as suas características intrínsecas há ainda que destacar alguns aspectos concretos.

Em primeiro lugar, importa insistir que a análise exaustiva dos materiais arqueológicos recuperados durante os trabalhos de campo permite avançar com uma cronologia centrada nos meados/segun-

da metade do século VI a.n.e. (Fig. 23). Convém referir, contudo, que mesmo que alguns materiais pudessem, por si só, fazer recuar a cronologia, a verdade é que os conjuntos fechados validam a datação que propomos. A existência de armas em número considerável, e a sua tipologia, o tipo de facas, os elementos de *díphroi* e mesmo algumas cerâmicas retiram a antiguidade aos espólios que lhes estavam associados e que poderiam ser considerados anteriores. No que diz respeito ao limite cronológico inferior para a utilização da necrópole, poderia referir-se que pelo menos uma das sepulturas, justamente uma das que mais se afasta no núcleo central, poderá datar já dos inícios do século V a.n.e., facto para o qual poderia apontar a presença da única fíbula anular hispânica no conjunto.

Por outro lado, pese embora as violações de que a necrópole foi alvo, torna-se perceptível a existência de sepulturas com mais e melhores materiais, evidenciando uma situação que é compatível com uma clara diferenciação em termos sociais. Essas sepulturas são, de resto, as que ocupam os lugares mais destacados no conjunto da necrópole.

A diversidade e a riqueza dos espólios de algumas sepulturas da necrópole da Vinha das Calças não deixa de impressionar. Tal facto podia, numa análise meramente funcionalista, traduzir uma sociedade caracterizada por uma acentuada desigualdade social, e assim, numa primeira leitura incompatível com uma comunidade de natureza iminentemente rural. Contudo, sabemos que os cemitérios urbanos são justamente os que apresentam um maior grau de igualdade nos seus cenários da morte, já que “...*mobiliers apparemment modestes et homogènes pourraient obéir à un statut urbain avancé, typique d'une société de citoyens déjà développée...*”,<sup>157</sup> como se observou para Tiro. O caso de Medellín,<sup>158</sup> de Tavira<sup>159</sup> ou mesmo das primeiras fases de Alcácer do Sal,<sup>160</sup> por exemplo, com sepulturas infinitamente mais modestas do que a realidade que estudámos, são também bons exemplos de como as elites urbanas não sentem a necessidade de ostentar a sua riqueza nos espaços cemiteriais, ao contrário do que parece suceder no mundo rural.

Assim, a presença de importações e a riqueza de algumas sepulturas não são critérios objectivos para avaliar o carácter urbano da necrópole, até porque *o mundo funerário não é o simples reflexo da so-*

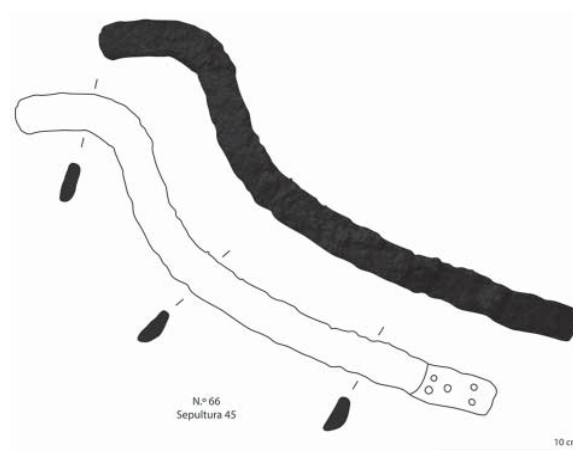


Fig. 22.— Possível arma (?).

*cidade dos vivos*,<sup>161</sup> o que é por demais evidente na Vinha das Calças, onde a sistemática associação de armas às sepulturas masculinas não significa que todos os homens que se enterraram naquele local fossem guerreiros, até porque não parece existir na área e na cronologia um qualquer ambiente de guerra activa ou latente. Trata-se, pois, de uma necrópole associada a uma sociedade rural particularmente robusta, mas onde as elites sentem a necessidade de (re)afirmar e reforçar uma posição social destacada, o que fazem no cenário da morte.

Tornou-se também evidente a quase absoluta diferenciação sexual dos materiais que acompanham os inumados (Fig. 24). Assim, as sepulturas masculinas contêm armas (contos e lanças), facas afalcatadas, fíbulas e fechos de cinturão de tipo céltico bem como, num caso, uma xorca. Existem também evidências de que pelo menos alguns indivíduos masculinos terão sido depositos em leitos funerários.

As mulheres, por seu turno, usavam braceletes *acorazonados* – um só ou um par – ou pulseiras simples, adornavam os dedos com anéis, de prata e bronze, faziam-se acompanhar de amuletos (escarvelhos) e de estojos de maquilhagem e os seus cintos eram apertados através de fechos de tipo tartésico.

Os elementos de colar parecem ser comuns a mulheres e homens. No entanto, mesmo neste aspecto concreto, verificam-se diferenças assinaláveis. Assim, os pendentos de prata e de cornalina em forma de bolota, bem como as contas de pasta vítrea e de bronze são exclusivos das sepulturas femininas. Somente as de ouro aparecem tanto em sepulturas femininas como masculinas.

<sup>157</sup> Aubet 2011.

<sup>158</sup> Almagro-Gorbea 2007.

<sup>159</sup> Arruda *et al.* 2008.

<sup>160</sup> Arruda 1999-2000: 72-86.

<sup>161</sup> Aubet 2011.



Fig. 23. — Espectro cronológico dos materiais mais significativos exumados na Vinha das Caliças.

Algumas destas associações foram também verificadas em outras necrópoles. Especificamente no caso dos fechos de cinturão, verificou-se tanto no caso de Medellín, na Extremadura,<sup>162</sup> como no da necrópole de Les Casetes, Alicante,<sup>163</sup> uma correlação entre peças de tipo "céltico" e sepulturas masculinas e peças de tipo "tartéssico" e sepulturas femininas. A necrópole extremeña permite ainda em certa medida validar a associação dos braceletes *acorazonados* a sepulturas femininas.

Como já por diversas vezes referimos a necrópole da Vinha das Caliças partilha com outras localizadas em área próxima uma arquitectura funerária que valoriza as estruturas negativas, mesmo quando estas se destinam aparentemente a destacar apenas alguns espaços funerários seleccionados. Também ao nível dos espólios, e assim da cronologia, tudo indica que estamos perante realidades em absoluta sintonia e sincronia.

Não pode deixar de impressionar a densidade de cemitérios numa área não particularmente extensa, sendo de referir que apenas se procedeu ao reconhecimento arqueológico dos espaços que iriam ser afectados pelos canais de rega do empreendimento do Alqueva, o que quer dizer que é muito provável que outros permaneçam invisíveis. Essa densidade tem, contudo, paralelo na região de Ourique onde os cemitérios da Idade do Ferro são também, no geral, bastante próximos uns dos outros.<sup>164</sup>

Estes paralelismos entre as duas áreas do interior alentejano poderão ter também, parece-nos, eco nos respectivos habitats. Não é improvável que, tal como na área de Ourique, cada uma destas necrópoles corresponda a um povoado localizado em área anexa ao seu cemitério. Julgamos saber

que justamente no sítio designado Monte do Bolor as duas componentes do povoamento foram efectivamente detectadas.

Mas o paralelismo entre ambas as regiões é, na nossa perspectiva, ainda mais vasto. Ao nível dos componentes artefactuais, foram várias vezes referidos os materiais de Fonte Santa, Chada e Ado-Mealha-Nova,<sup>165</sup> parecendo-nos que alguns conjuntos são muito similares, mesmo que sejamos obrigados a reconhecer uma cronologia mais avançada para estes.

Atrevemo-nos a ir ainda um pouco mais longe nas comparações. Se é verdade que em termos de arquitectura funerária tudo parece afastar estes dois núcleos, com sepulturas encerradas no interior de monumentos tumulares construídos em pedra, em Ourique, e sepulturas no interior de recintos apenas limitados por fossos escavados na rocha, na área de Beja, a verdade é que, em planta, as duas situações não se diferenciam substancialmente, e, assim, a diferença da arquitectura pode traduzir, ou não, as condições geológicas de cada uma das áreas concretas: ausência de pedra numa e abundância da mesma, na outra.

Por outro lado, ainda em termos de modelo arquitectónico, é inevitável trazer à colação Alcácer do Sal, onde as sepulturas escavadas na rocha têm notórias semelhanças com as da região de Beja, isto para não falar das similitudes que são reconhecidas ao nível dos espólios, não sendo despidendo o facto de as necrópoles da região de Beja estarem integradas na bacia hidrográfica do Sado, localizando-se nas margens das ribeiras que desaguam naquele rio.

Ainda assim, parece importante enfatizar a diversidade das soluções encontradas, com os particularismos a evidenciar áreas diferenciadas no Sul do território actualmente português, que contudo comungam de uma mesma valorização dos cenários da morte, onde actuam os vivos.

Muito ficou por dizer a propósito da necrópole da Vinha das Caliças, quer em relação aos rituais, quer aos materiais e à integração cultural de ambos. Ainda assim, temos que agradecer a Javier Jiménez Ávila a tolerância com que desculpou a extensão deste texto.

<sup>162</sup> Almagro-Gorbea 2007.

<sup>163</sup> García Gandía 2009.

<sup>164</sup> Beirão 1986; Correia 1993; Arruda 2001.

<sup>165</sup> Beirão 1986.

Sep.	Sexo	Cerâmica	Bétilo	Lança/Conto	Faca Afalcatada	Elem. Mobiliário Ferro	Elem. Mobiliário Osso	Fíbula Indeterminada	Fíbula "Ácebuchal"	Fíbula Anular Hisp.	Pulseiras	Brac. "Acorazonado"	Xorça	Fecho Cint. "Tartéssico"	Fecho Cint. "Céltico"	Utensílios Cosmética	Amuletos e Pendentes	Pendentes Prata	Anéis	Contas colar ouro	Contas colar bronze	Contas pasta vítrea	Conchas perfuradas
5	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-
13	Fem.	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	•	•
29	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-
31	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-
32	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
40	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	•	•
44	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
47	Fem.	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	•	-	•	-	•	-	-	-	-	•	•	-
48	Fem.	•	-	-	-	-	•	•	-	-	-	•	-	•	-	•	•	•	•	•	•	•	-
54	Fem.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	•	•
56	Fem.	•	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	•
4	Masc.	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	Masc.	•	•	•	-	•	-	-	•	-	-	-	-	-	-	?	-	-	-	-	•	-	-
8	Masc.	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	Masc.	-	-	•	-	•	-	-	-	-	-	-	•	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-
14	Masc.	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15	Masc.	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
23	Masc.	-	-	•	?	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
38	Masc.	•	-	•	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
39	Masc.	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
43	Masc.	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
57	Masc.	-	-	•	•	•	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
34	Masc./Fem.	-	-	•	•	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	Ind. (Inf.)	•	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	•
19	Ind. (Inf.)	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
41	Ind. (Inf.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	•	•	-
1	Ind.	-	-	•	•	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	•
3	Ind.	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-
10	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	•	-
16	Ind.	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
17	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-
18	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
20	Ind.	-	-	•	•	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
22	Ind.	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
24	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
26	Ind.	-	-	•	•	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
27	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-
28	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
35	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
36	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
37	Ind.	-	-	•	•	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-
45	Ind.	•	-	•	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	-
46	Ind.	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
50	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-	-	•	-	-	-	-	-	-	-	•	-
51	Ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	•	-
55	Ind.	•	-	•	•	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	•	-	•	-	-	-	-

Tabela 1.— Sinopse dos espólios por sepultura.

## BIBLIOGRAFIA

- ABÁSULO, J.A., RUIZ VÉLEZ, I. e RODRÍGUEZ, A. (2003-2004): "El conjunto arqueológico de Alto de Rodilla (Monasterio de Rodilla, Burgos)". *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología de Valladolid* 69-70: 115-146.
- ALMAGRO BASCH, M. (1953): *Las necrópolis de Ampurias I. Introducción y necrópolis griegas*. Barcelona.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1998): "'Precolonización' y cambio socio-cultural en el Bronce Atlántico". In: S.O. Jorge (ed.): *Existe uma Idade do Bronze Atlântica?* Lisboa: 81-100.
- ALMAGRO-GORBEA, M. dir. (2007): *La Necrópolis de Medellín I. La excavación y sus hallazgos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 26.1. Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M., ARROYO, A., CORBÍ, J.F.M., MARÍN, B. e TORRES, M. (2009): "Los escarabeos de Extremadura: una lectura socioideológica". *Zephyrus* LXIII: 71-104.
- ALMAGRO-GORBEA, M. e TORRES, M. (2008): "Cerámica a mano". In M. Almagro-Gorbea, (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 26.2. Madrid: 734-748.
- ALMAGRO-GORBEA, M. e TORRES, M. (2009): "Los escarabeos fenicios de Portugal. Un estado de la cuestión". *Estudios Arqueológicos de Oeiras* 17: 521-554.
- ALMAGRO GORBEA, M.J. (1986): *Orfebrería fenicio-púnica*. Madrid.
- ALMEIDA, F. DE e FERREIRA, O. DA V. (1962): "Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal". *O Arqueólogo Português* (série III) 1: 81-95.
- ANTUNES, A.S. (2009): *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana*. O Arqueólogo Português Suplemento 5. Lisboa.
- ARGENTE, J.L. (1986-87): "Hacia una clasificación tipológica y cronológica de las fíbulas de la Edad del Hierro en la Meseta Norte". *Zephyrus* XXXIX-LX: 139-157.
- ARRUDA, A.M. (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y Sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6. Barcelona.
- ARRUDA, A.M. (2001): "A Idade do Ferro Pós-Orientalizante no Baixo Alentejo". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (2): 207-291.
- ARRUDA, A.M. (2006): "Cerâmicas gregas encontradas em Portugal". In M.H. da R. Pereira e A.M. Arruda (coords.): *Vasos Gregos em Portugal - Aquém das Colunas de Hércules*. Lisboa: 135-140.
- ARRUDA, A.M., COVANEIRO, J.E. e CAVACO, S. (2008): "A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira". *Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Xelb 8. Silves: 141-159.
- AUBET, M.E. (1975): *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río, Sevilla. El túmulo A*. Programa de Investigaciones Protohistóricas II. Barcelona.
- AUBET, M.E. (1978): *La necrópolis de Setefilla en Lora del Río, Sevilla. El Túmulo B*. Programa de Investigaciones Protohistóricas III. Barcelona.
- AUBET, M.E. (2011): "La nécropole phénicienne de Tyr Al-Bass: idéologie et société d'après les données archéologiques". *Bulletin d'Archéologie et Architecture Libanaises* (hors-série) VIII: 45-54.
- BECK, H.C. (1927): "Classification and nomenclature of beads and pendants". *Archaeologia* 77: 1-76.
- BEIRÃO, C. DE M. (1986) : *Une civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1<sup>er</sup> Age du Fer)*. Paris.
- BEIRÃO, C. DE M. e GOMES, M.V. (1983): "A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes)". *O Arqueólogo Português* (série IV) 1: 207-266.
- BEIRÃO, C. DE M. e GOMES, M.V. (1984): "Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal". *Volume d'hommage au géologue Georges Zbyszewski*. Paris: 450-482.
- BLÁNQUEZ, J.J. (1990): *La formación del mundo ibérico en el Sureste de la Meseta. Estudio arqueológico de las necrópolis ibéricas de la provincia de Albacete*. Albacete.
- CARO, A. (1989): *La cerámica gris a torno Tartesia*. Cádiz.
- CELESTINO, S. e BLANCO, J.L. (2006): *La joyería en los orígenes de Extremadura: el espejo de los dioses*. Serie Ataecina 1. Mérida.
- CELESTINO, S., MARTÍN BAÑÓN, A. e BLANCO, J.L. (1999): "La necrópolis II de Pajares". In S. Celestino (ed.): *El Yacimiento Protohistórico de Pajares. Villanueva de la Vera. Cáceres I. Las necrópolis y el tesoro áureo. Memorias de Arqueología Extremeña* 3. Cáceres: 35-93.
- CELESTINO, S. e ZULUETA, P. (2003): "Los Bronces de Cancho Roano". In S. Celestino (ed.): *Cancho Roano IX. Los Materiales Arqueológicos II*. Mérida: 9-123.
- CERDEÑO, M.L. (1978): "Los broches de cinturón peninsulares de tipo céltico". *Trabajos de Prehistoria* 35: 279-307.
- CERDEÑO, M.L. (1981): "Los broches de cinturón tartésicos". *Huelva Arqueológica* V: 31-56. Huelva.

- CHAVES, F. e DE LA BANDERA, M.L. (1993): "Los broches de cinturón llamados tartesios. Nuevas aportaciones". In: J. Mangas e J. Alvar (eds.): *Homenaje a José María Blázquez*, vol. II. Madrid: 139-165.
- CORREIA, V. (1925): "Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal". *Biblos* 1 (7): 347-363.
- CORREIA, V. (1930): "As fíbulas da Necrópole de Alcácer do Sal". *Biblos* 6 (7-8): 504-509.
- CORREIA, V.H. (1993): "As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 33-34: 351-370.
- CUADRADO, E. (1957): *La fíbula anular hispánica y sus problemas*. Zephyrus VIII: 5-76.
- CUADRADO, E. (1989): *La panoplia ibérica de "El Cigarralejo" (Mula, Murcia)*. Murcia.
- CUADRADO, E. e ASCENSÃO, M.A. (1970): "Broches tartésicos de cinturón de 'doble gancho'". *XI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: 494-514.
- DEUS, M. DE e CORREIA, J. (2005): "Corte Margarida. Mais uma necrópole Orientalizante no Baixo Alentejo". In S. Celestino e J. Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*, vol. I. Mérida: 615-618.
- DIAS, M.M.A., BEIRÃO, C. DE M. e COELHO, L. (1970): "Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (Notícia preliminar)". *O Arqueólogo Português* (série IV) 3: 175-219.
- GAMER-WALLERT, I. (1978): *Ägyptische und ägyptisierende Funde von der Iberischen Halbinsel*. Wiesbaden.
- GARCÍA GANDÍA, J.R. (2009): *La Necrópolis Orientalizante de Les Casetes (La Vila Joiosa, Alicante)*. Alicante.
- GARRIDO, J.P. (1970): *Excavaciones en la necrópolis de "La Joya", Huelva (1.ª y 2.ª Campañas)*. Excavaciones Arqueológicas en España 71. Madrid.
- GONZÁLEZ CORDERO, A. (1999): "La necrópolis I de Pajares". In S. Celestino (ed.): *El Yacimiento Protobhistórico de Pajares. Villanueva de la Vera, Cáceres I. Las necrópolis y el tesoro áureo. Memorias de Arqueología Extremeña* 3. Cáceres: 21-34.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (2002): *La necrópolis de cremación de Les Moreres (Crevillente, Alicante, España) (siglos IX-VII AC)*. Alicante.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (1999): "Los objetos de vidrio procedentes del yacimiento de Pajares: estudio preliminar". In S. Celestino (ed.): *El Yacimiento Protobhistórico de Pajares. Villanueva de la Vera, Cáceres I. Las necrópolis y el tesoro áureo. Memorias de Arqueología Extremeña* 3. Cáceres: 139-153.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2006): "Los objetos de bronce y hierro". In J. Jiménez Ávila (ed.): *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres). Memorias del Museo de Cáceres* 5. Cáceres: 89-108.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2008): "Grapas y charnelas de *diphroi*". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 542-552.
- KURTZ, G. (2003): "Los Hierros de Cancho Roano". In S. Celestino (ed.): *Cancho Roano VIII. Los Materiales Arqueológicos I*. Mérida: 293-366.
- LANGLEY, M., MATALOTO, R. e BOAVENTURA, R. (2008): "A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal)". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana I. El río Guadiana en época post-Orientalizante. Anejos de AEspA XLVI*. Mérida: 283-303.
- LÓPEZ AMBITE, F. (2008): "Broches de cinturón". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 514-528.
- LÓPEZ GRANDE, M.J. e VELÁZQUEZ, F. (2006): "Los escarabeos egipcios". In J. Jiménez Ávila (ed.): *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres). Memorias del Museo de Cáceres* 5. Cáceres: 115-130.
- LORRIO, A. (1997): *Los Celtíberos*. Complutum Extra 7. Madrid.
- LORRIO, A. (2008a): "Cerámica gris". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 673-723.
- LORRIO, A. (2008b): "Puntas de lanza". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 563-565.
- LORRIO, A. (2008c): "Cuchillos". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 566-571.
- MAIER, J. (1999): "La necrópolis tartésica de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla), ayer y hoy". *Madrider Mitteilungen* 40: 97-114.
- MARTÍN DE LA CRUZ, J.C., VERA, J.C., GAVILÁN, B. e PERLINES, M. (2005): "Un colgante de cornalina de manufactura oriental procedente de la provincia de Córdoba". In S. Celestino e J. Jiménez Ávila (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 503-509.
- MATALOTO, R. (2004): "Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa (Re-

- dondo, Alentejo Central)". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7 (2): 139-173.
- MATALOTO, R. (2010-11): "Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos séculos VI-V a.C." *Arqueologia e História* 62-63: 77-100.
- MATALOTO, R. (2012): "Os Senhores e as Serras: o final da Idade do Bronze no Alentejo Central". In J. Jiménez Ávila, J. (ed.): *Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA LXII*. Mérida: 185-213.
- MAYET, F. e SILVA, C.T. DA (2000): *L'établissement phénicien d'Abul*. Paris.
- MONTEAGUDO, L. (1953): "Álbum gráfico de Carmona por G. Bonsor". *Archivo Español de Arqueología* XXVI: 350-370.
- PADRÓ, J. (1983): *Egyptian-type documents from the Mediterranean Littoral of the Iberian Peninsula before the Roman Conquest II. Study of the material: From Western Languedoc to Murcia*. Leiden.
- PAIXÃO, A.C. (1983): "Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal". *O Arqueólogo Português* (série IV) 1: 273-286.
- PAIXÃO, A.C. e GAMER-WALLERT, I. (1983): "A inscrição do escaravelho de Psamético I da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires: novos elementos para a sua interpretação". *O Arqueólogo Português* (série IV) 1: 267-272.
- PEREA, A. (2003): "Cancho Roano: estudio tecnológico de los objectos de oro". In S. Celestino (ed.): *Cancho Roano VIII. Los Materiales Arqueológicos I*. Mérida: 195-228.
- PEREA, A. (2006): "Estudio del proceso técnico de fabricación y significado de la orfebrería de Talavera la Vieja". In J. Jiménez Ávila (ed.): *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres). Memorias del Museo de Cáceres* 5. Cáceres: 63-88.
- PIÑEL, C. (1976): "Materiales del poblado de Las Paredejas, en el Cerro del Berrueco. Una nueva arracada". *Zephyrus* XXVI-XXVII: 351-368.
- PONTE, M.S. DA (2006): *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra.
- QUESADA, F. (1989): *Armamento, Guerra y Sociedad en la Necrópolis ibérica de "El Cabecico del Tesoro" (Murcia, España)*. British Archaeological Reports. International series 502. Oxford.
- QUESADA, F. (1997): *El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Monographies Instrumentum 3. Montagnac.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. ed. (2004): *El Edificio Proto-histórico de "La Mata" (Campanario, Badajoz) y su estudio territorial*. Cáceres.
- ROVIRA, S., MONTERO, I., ORTEGA, J. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2005): "Bronce y trabajo del bronce en el poblado orientalizante de 'El Palomar' (Oliva de Mérida, Badajoz)". In S. Celestino e J. Jiménez (eds.): *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Anejos de AEspA XXXV*. Mérida: 1231-1240.
- RUIZ MATA, D. (1995): "Las cerámicas del Bronce Final. Un soporte tipológico para delimitar el espacio y el tiempo tartésico". *Actas del Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular. Tartessos 25 años después 1968-1993. Biblioteca de Urbanismo y Cultura* 14. Jerez de la Frontera: 265-313.
- SALGADO, J.Á. (2006): "Las cerámicas". In J. Jiménez Ávila (ed.): *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres). Memorias del Museo de Cáceres* 5. Cáceres: 131-154.
- SALVADOR, R.M. e PEREIRA, J.A. (neste volume): "A paisagem funerária a Oeste de Beja no período Orientalizante: as necrópoles de Carlota (São Brissos) e Cinco Reis 8 (Santiago Maior)". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 333-352.
- SANTOS, F.J.C., ANTUNES, A.S., DEUS, M. DE e GRILLO, C. (neste volume): "A necrópole de Palhais (Beringel, Beja)". In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana III. El río Guadiana y Tartessos. Publicaciones del Consorcio de Mérida. Serie Compacta* 1. Mérida: 227-262.
- SANTOS, F.J.C., ANTUNES, A.S., GRILLO, C. e DEUS, M. DE (2009): "A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo". In J.A. Pérez Macías e E. Romero (eds.): *Actas del IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 746-804.
- SCHUBART, H. e MAASS-LINDEMANN, G. (1995): "Informe de las excavaciones en la necrópolis de Jardín (Vélez-Málaga, Málaga)". *Cuadernos de Arqueología Mediterránea* 1. Barcelona: 57-213.
- SCHÜLE, W. (1969): *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel*. Berlin.
- SPINDLER, K., BRANCO, A.C., ZBYSZEWSKY, G. e FERREIRA, O. DA V. (1973-1974): "Le monument à coupole de l'âge du bronze final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz)". *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 57: 91-154.
- TORRES, M. (1999): *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 3. Madrid.
- TORRES, M. (2002): *Tartessos*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 14. Madrid.

- TORRES, M. (2008a): "Vasos 'à chardón'". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 658-662.
- TORRES, M. (2008b): "Fíbulas". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 529-535.
- TORRES, M. (2008c): "Brazaletes". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 536-539.
- TORRES, M. (2008d): "Pinzas". In M. Almagro-Gorbea (dir.): *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos. Bibliotheca Archaeologica Hispana* 26.2. Madrid: 540-541.

